

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CEAD
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS CURRICULARES
DA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

GISELDA MARIA ATZLER STOPILHA CAMBRUZZI

**O DISCURSO DA MÍDIA SOBRE A COBERTURA DAS
PARAOLIMPÍADAS DE PEQUIM 2008 E A INCLUSÃO DE PESSOAS
COM DEFICIÊNCIA**

Florianópolis
2011

GISELDA MARIA ATZLER STOPILHA CAMBRUZZI

**O DISCURSO DA MÍDIA SOBRE A COBERTURA DAS
PARAOLIMPÍADAS DE PEQUIM 2008 E A INCLUSÃO DE PESSOAS
COM DEFICIÊNCIA**

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Centro de Educação a Distância (CEAD), como requisito parcial para obtenção do título de especialista em educação inclusiva.

Orientadora: Prof^a Dr^a Geovana Mendonça Lunardi Mendes.

Florianópolis
2011

CAMBRUZZI, Giselda Maria Atzler Stopilha. *O DISCURSO DA MÍDIA SOBRE A COBERTURA DAS PARAOLIMPÍADAS DE PEQUIM 2008 E A INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA*, Florianópolis CEAD/UDESC 2011.71f.

Monografia de conclusão do curso de Especialização Fundamentos Curriculares da Educação Inclusiva apresentada a Universidade do Estado de Santa Catarina Florianópolis – UDESC, 2011.

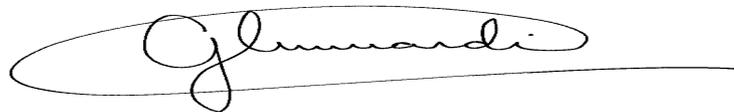
Orientadora: Prof. Dra. Geovana Mendonça Lunardi Mendes

1. Monografia 2. Inclusão I 3. Deficiente 4. Mídia 5. Paraolimpíadas 6. Esporte. I Mendes, Geovana Mendonça Lunardi (orient.). II Universidade Estadual de Santa Catarina. CEAD. Florianópolis. III Título.

GISELDA MARIA ATZLER STOPILHA CAMBRUZZI

**O DISCURSO DA MÍDIA SOBRE A COBERTURA DAS
PARAOLIMPIADAS DE PEQUIM 2008 E A INCLUSÃO DE PESSOAS
COM DEFICIÊNCIA**

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Centro de Educação a Distância (CEAD), como requisito parcial para obtenção do título de especialista em educação inclusiva e aprovada pela seguinte banca examinadora:



Prof^a Dr^a Geovana Mendonça Lunardi Mendes, UDESC

Prof. Dr. Lourival José Martins Filho, UDESC

Prof^a Dra. Adarzilse Mazzuco Dallabrida, UNISUL

Florianópolis, 15 de julho de 2011

Dedico essa monografia à minha família,
que me deu forças, apoio e segurança,
fundamentais para chegar até aqui.

RESUMO

A autora analisa o papel da mídia na representação e divulgação da imagem das pessoas com deficiência. Os principais focos do estudo estão em: i) identificar o papel da mídia na divulgação da imagem dos para-atletas, e como é representada a pessoa com deficiência em suas reportagens; ii) analisar no discurso destas reportagens se há ruptura de paradigmas sobre a capacidade da pessoa com deficiência e; iii) verificar como o desempenho destes atletas é abordado e divulgado para a sociedade. A autora se fundamenta na cobertura jornalística dada pelas três das principais revistas de tiragem nacional e como estas revistas se referem aos representantes brasileiros nas paraolimpíadas de Pequim em 2008. As reportagens utilizadas para o estudo empírico foram retiradas das revistas: Veja, Isto É e Época. A análise das reportagens, sua quantidade e seu enfoque, demonstram claramente que a mídia relega a um segundo plano tanto o evento paraolímpico, como o papel de nossos atletas e seu desempenho neste evento. Além disso, as matérias não pretendem romper com as atuais concepções e preconceitos com relação às pessoas com deficiência.

Palavras chave: Paraolimpíadas. Deficiência. Mídia. Paradigmas. Preconceitos.

ABSTRACT

In this work analyzes the media's role in representing and promoting the image of disabled people. The main focus of the study are: i) identify the role of media in promoting the image of disabled athletes, and is represented as a person with disabilities in their reports, ii) analyze the discourse of these reports if there is rupture of paradigms on the ability of person with disability and, iii) verify as the performance of these athletes is discussed and disseminated to society. The study is based on the coverage given by the three major journals of national circulation magazines and how these relate to the Brazilian representatives in the Paralympics in Peking in 2008. The reports used for the empirical study were taken from magazines, *Veja*, *Isto* and *Season*. The analysis of the stories, its quantity and its focus clearly demonstrate that the media relegates to the background so the Paralympic event, the role of our athletes and their performance in this event. In addition, the materials are not intended to break with the current conceptions and prejudices about people with disabilities.

Keywords: Olympics. Disability. Media. Paradigms. Prejudices.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 INCLUSÃO E DEFICIÊNCIA	10
2.1 PERCALÇOS DA INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	10
2.2 DEFICIÊNCIA E SUAS FACES	13
2.3 AS DIFERENTES CONCEITUAÇÕES DA DEFICIÊNCIA	16
3 PARADESPORTO	20
3.1 HISTÓRIA DO PARADESPORTO	20
3.2 HISTÓRIA DAS PARAOLIMPIADAS	23
3.3 MODALIDADES ESPORTIVAS E A CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DOS PARADESPORTOS	27
4 A MÍDIA E A PARAOLIMPIADA	42
4.1 A VISIBILIDADE DA MÍDIA SOBRE A PARAOLIMPIADA	42
4.2 A MÍDIA E O PARATLETA	49
5 CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	67
ANEXO A – TODOS SAEM GANHANDO	68
ANEXO B – CAMPEÃO PUNIDO	69
ANEXO C – POTÊNCIA INESPERADA	70
ANEXO D – ATLETAS EXCEPCIONAIS	71

1 INTRODUÇÃO

Em nosso país, a questão da inclusão de pessoas com deficiência ainda caminha a passos lentos; talvez isso se dê porque nossa sociedade não esteja preparada para dialogar com a pluralidade de enfoques que incidem sobre o tema. Movimentos nacionais e internacionais têm buscado direcionamentos para as políticas de inclusão, políticas estas que garantam espaço para todos e que fortaleçam atitudes de aceitação e de valorização das diferenças entre os seres humanos.

Foi apenas nas últimas três décadas que o debate sobre a inclusão de pessoas com deficiência, paulatinamente adquiriu solidez e reconhecimento. As reivindicações estão saindo do discurso e aos poucos sendo atendidas; mas, apesar disso, ainda há um longo caminho a ser percorrido, sendo necessário compreender, antes de tudo, o real significado de inclusão social. A deficiência assume valores, segundo os padrões culturais, influenciados pelas relações sociais, e como tal, sua organização é permeada pela capacidade de se adequar ao meio competitivo, onde o indivíduo tem que mostrar produtividade e independência.

A escolha de um tema que permeia a inclusão de pessoas com deficiência se deu após minha participação no Seminário de Treinamento para professores de Educação Física do projeto “Paraolímpicos do Futuro”, em Florianópolis (SC), no ano de 2007, que me motivou a atuar no ensino especial, buscando um maior entendimento sobre a pessoa com deficiência e suas reais possibilidades.

Em 2008, optei por lecionar na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Florianópolis como professora de Educação Física, ministrando aulas para pessoas com diferentes tipos de deficiência. O dia a dia nesta escola me fez perceber que a preocupação com o a pessoa com deficiência, era latente dentro desta realidade, no entanto, fora dela, o debate não acontecia.

Esta constatação me conduziu a várias reflexões e questionamentos; surgiu então a necessidade de aprofundar meus conhecimentos teóricos sobre o tema. Para isto procurei no Curso de Especialização Fundamentos Curriculares da Educação Inclusiva oferecido pela Universidade Estadual de Santa Catarina, com uma linha de formação que me proporcionasse novo marco teórico para pensar as inúmeras questões e situações com que vinha me deparando. Estes oram ganhando força à medida que observava situações de discriminação, falta de acesso à

cidadania, descumprimento dos direitos civis por parte do poder público, entre tantas outros.

Porém, o que mais me instiga e o que tentarei elucidar no transcorrer deste trabalho é saber se, em algum momento e/ou contexto, está sendo oferecida uma real chance de inclusão à pessoa com deficiência em nossa sociedade. Para isso, optei por um recorte na abordagem, perpassando a problemática sob um enfoque midiático. Isso porque considero a mídia uma das mais importantes ferramentas de inclusão, tendo em vista o seu papel de formadora de opiniões. Procuro verificar então, se esta vem cumprindo um de seus papéis dentro da sociedade, que é o de ser uma ferramenta na inclusão da pessoa com deficiência.

O enfoque midiático na inclusão da pessoa com deficiência voltou-se, especificamente, à maneira como os paratletas brasileiros, e as Paraolimpíadas de Pequim de 2008, foram apresentadas ao grande público. Para tanto, foi analisado o teor das reportagens de três revistas de circulação nacional: Veja, Época e Isto é, observando o direcionamento das reportagens veiculadas por estas revistas e percebendo se de alguma forma houve a tentativa de uma ruptura dos paradigmas pré-existentes.

A escolha pelo evento paraolímpico se deu em função de que este é um espetáculo que reúne milhares de espectadores, fenômeno que não passa despercebido pela mídia. A Paraolimpíada é um instrumento midiático de alcance internacional, que tem o poder de levar um novo olhar sobre a questão da deficiência, e ainda muito mais do que isso, fazer com que o próprio deficiente desça sobre si um novo olhar.

A mídia poderia ter encontrado na divulgação das paraolimpíadas a oportunidade de levar ao público a realidade e um debate mais amplo sobre a questão da inclusão da pessoa com deficiência, isto porque a prática de atividades físicas e/ou esportivas nos remete a uma ideia de superação, de independência e autonomia, desmistificando a imagem de que o deficiente é incapaz de realizar certas ações e ainda mais, desmistificando também a ideia do corpo perfeito, tão estimulado por nossa sociedade capitalista. Mudar este quadro não é tarefa fácil, muito menos de uma única ferramenta, o que nos leva a pensar, que, antes de tudo, é preciso colocar realmente em prática as políticas públicas já existentes e pensar-se em outras.

Em relação aos aspectos metodológicos, a pesquisa teve aspectos quantitativos, ao verificar o número de reportagens destinadas à cobertura dos jogos, e aspectos qualitativos, ao analisar discurso midiático, identificando as tendências e ênfases veiculadas. Caracteriza-se então como sendo de caráter qualitativo, com abordagem exploratória e descritiva, pois a característica de uma abordagem qualitativa é seu caráter descritivo, onde o pesquisador deve lançar um olhar sobre os acontecimentos tentando estabelecer uma compreensão esclarecedora sobre o objeto de estudo (GIL, 1996; TRIVIÑOS, 1995).

Quanto à organização do trabalho, optei por três capítulos, assim distribuídos: Inclusão e Deficiência, que evidencia como nossa sociedade percebe a pessoa com deficiência e procura fazer uma contextualização da deficiência ao longo de nossa História, evidenciando as principais conceituações do tema; Paradesporto, que aponta a trajetória histórica do paradesporto e nível mundial e nacional, bem como os principais eventos históricos que deram origem às Paraolimpíadas e, por fim, uma descrição das modalidades paradesportivas e sua classificação funcional; A Mídia e a Paraolimpíada, que analisa sob que prisma a mídia enfoca os paratletas e as Paraolimpíadas, bem como o enfoque dado ao paratleta, tudo isto através da análise de reportagens veiculadas.

2 INCLUSÃO E DEFICIÊNCIA

2.1 PERCALÇOS DA INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Neste capítulo, os principais conceitos de inclusão e deficiência são apresentados e discutidos e, sua clara compreensão, é fundamental para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa. Apesar destes temas, inclusão e deficiências, serem amplamente divulgados, de modo geral, não há uma compreensão clara por parte da maioria da população sobre o que eles realmente significam.

Estar incluído é fazer parte de um grupo, ser aceito é algo que todo o ser humano almeja. Atitude simples, mas ao mesmo tempo contraditória, sendo um processo, a inclusão é construída diariamente.

Vivemos em uma sociedade capitalista onde a cultura de poucos exerce seu poder político e econômico, impondo a sua forma de ser e agir sobre a maioria de culturas diferentes, negando assim a igualdade de direitos, submetendo-os às regras, fragmentando assim a cultura social formada por indivíduos, que no processo social desenvolvem sua identidade.

Identidade essa que permite diferenciar as pessoas umas das outras, é através das experiências que no processo de desenvolvimento, o indivíduo vai moldando a sua personalidade, descrevendo assim a dinâmica do mesmo no contexto, tornando-os diferentes.

Conforme aponta Brah apud Carvalho (2010, p.21):

A identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade de relações em constante mudança. Mas no curso desse fluxo, as identidades assumem padrões específicos, como num caleidoscópio, diante de conjuntos de particulares de circunstâncias pessoais, sociais e históricas.

É neste cenário que a deficiência assume conotações e valores diversos, segundo padrões culturais influenciados pelas relações sociais que muitas vezes padroniza e engessa os indivíduos. Exigindo respostas positivas de desempenho, ou seja, o sucesso nos seus feitos está atrelado às exigências de um corpo que possa ser apto a desempenhar funções específicas.

Caso o indivíduo não corresponda às expectativas sociais e ou educacionais, este será estigmatizado, “atributo profundamente depreciativo” (GOFFMAN, 1998, p.13).

As pessoas com deficiência, não são totalmente excluídas, mas sim segregadas, marginalizadas vivendo às margens da sociedade, levando-as muitas vezes, acreditar que não pertencem àquele meio, um ser diferente e estranho no seu próprio contexto social.

A sociedade em seu processo de desenvolvimento corroborou ativamente para que a pessoa com deficiência permanecesse na obscuridade, ladeada (acompanhada) pelo preconceito e a exclusão.

Preconceito esse que se revela como um mecanismo de não reconhecimento social das pessoas com deficiência, onde suas diferenças são destacadas como uma incapacidade, impossibilidade e até mesmo privação notoriamente mais evidentes. Caracterizadas por ideias preconcebidas nas qualidades morais, intelectuais e físicas, psíquicas ou estéticas de alguém, podendo manifestar-se de modo verbal ou comportamental (GUIMARÃES, 2007).

A depreciação das pessoas com deficiência para Vasch *apud* Correr (2003) origina-se do preconceito biológico determinado, o psicossocial e o político-econômico. Em sua trajetória a pessoa com deficiência possui marcas de rejeição, biologicamente são inaptos excluindo-as considerado-as defeituosas e até descartando-as. Como também cognitivamente inaptas consideradas um estorvo e improdutivas e até mesmo uma ameaça aos demais membros da sociedade, prejudicando o funcionamento da engrenagem social.

A referida autora comenta que:

As pessoas tendem a evitar e desvalorizar as pessoas que são diferentes. Isso acontece mais quando a diferença ocorre no extremo inferior da distribuição, isto é, quando a pessoa não tem ao menos alguma coisa que a maioria tem. (VASCH *apud* CORRER, 2003, p. 25).

Esses comentários nos levam a perceber que a inclusão é um processo em construção, como também em constante transformação, é uma provocação pessoal e social que nos leva querer entender como ocorre o seu desenvolvimento nas mais variadas forma da deficiência e como ela se percebe no seu contexto social.

Assim como afirma Vivarta “A inclusão é para todos porque somos diferentes”. Como somos diferentes poderíamos dizer que essa diferença constrói o nosso comportamento, o modo de viver efetivado nas relações interpessoais e ao mesmo tempo causado pela constância de conflito e tensões. (VIVARTA, 2003, p.20).

Para tanto a sociedade precisa aprender a conviver com a diversidade e aceitar e valorizar as diferenças. Essa compreensão pode contribuir para a melhora das relações interpessoais, sendo possível a todos exercer a cidadania, podendo estabelecer relações plenas pela prática da levando ao entendimento de situações ainda consideradas contraditórias.

Só poderá haver inclusão quando entendermos que a discriminação a desigualdade só desestrutura e desagrega a sociedade. É através da inclusão que no cotidiano reconhece e aceita a diversidade, garantindo o acesso de todos a todas as oportunidades, independentemente da particularidade de cada um ou grupo social.

Para Correr “as relações estabelecidas entre sociedade e deficiência é que determinam a incapacitação, a desvalorização e a exclusão das pessoas com deficiência”. (CORRER, 2003, p. 25).

O meio social modifica e é modificado pelas relações interpessoais e é baseado na visão de mundo que a sociedade aceita ou rejeita a pessoa com deficiência permeada pelas interações sociais, valores e diferença.

A sociedade precisa mudar sua forma de ver a pessoa com deficiência, focar não só na deficiência, na incapacidade, mas sim procurar entendê-los e buscar estratégias, para que possam desenvolver suas capacidades, convivendo com o diferente, percebendo, entendendo e aceitando as diferenças.

Incluir exige uma ativa participação da pessoa com deficiência na sociedade, para tanto é necessário promover o acesso às oportunidades, nos mais diferentes segmentos da sociedade, seja ele cultural, econômico, político ou social, usufruindo plenamente da sua cidadania.

Esta afirmativa nos faz pensar em como é importante todos terem acesso a todas as oportunidades, restringindo na sociedade a ampliação da discriminação. Aceitar a diferença, a multiplicidade e a diversidade, pois os que possuem deficiências motoras, cognitivas ou sensoriais têm sido ao longo do tempo estigmatizados pelo preconceito e pela exclusão.

Para Sasaki (1997) a sociedade deve modificar-se para que a pessoa com deficiência possa adquirir o seu desenvolvimento, exercendo assim a sua cidadania, para tanto requer inúmeras modificações no ambiente físico e na maneira de pensar da sociedade e da própria pessoa com deficiência.

A inclusão ocorre principalmente no âmbito escolar e oportuniza a pessoa com deficiência e outras, fazerem parte do universo escolar, iniciando assim um processo de ressignificação das suas atribuições neste contexto, marcado pela busca constante de ações pedagógicas significativas para um público cada vez mais diversificado.

Sendo que a inclusão está em constante transformação, nos mais diversos segmentos da sociedade como na saúde, no esporte, lazer, trabalho e principalmente na educação, oportunizando situações de aprendizado independentemente do grupo social que transita.

Para tanto a Constituição Federal do Brasil encarrega-se de garantir, dentre outros, o princípio da igualdade, referindo-se no *caput* de seu artigo 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros, residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. (BRASIL, 1988).

Neste contexto, a pessoa com deficiência no convívio social, depara-se todos os dias com barreiras atitudinais, arquitetônicas e institucionais, impedindo-as de exercer o direito de ir e vir.

2.2 DEFICIÊNCIA E SUAS FACES

A sociedade em cada momento histórico atribui diversos conceitos a deficiência os quais levaram a assumir atitudes de eliminação, desprezo, indiferença e até mesmo segregação social. Nos primórdios da civilização, os indivíduos deslocavam-se constantemente em busca de alimento, nômade, neste período era fundamental que todos pudessem colaborar ativamente com o grupo cuidando de si e dos outros integrantes.

Os indivíduos que em seu corpo tivesse a marca da deficiência impedido de operar dentro desta organização, ou ainda que não se enquadrasse no padrão de normalidade exigido pelo contexto eram abandonados a própria sorte, o meio exigia

indivíduos fortes, ágeis para poder lutar, caçar, correr e tantas outras atividades necessárias para a sobrevivência.

Na Grécia, a criança que nascia com alguma anomalia era prontamente eliminada, pois os gregos em sua cultura valorizavam muito a estética corporal bem como as habilidades físicas para a guerra, as danças, os jogos e a ginástica. É nesta sociedade que encontramos o termo estigma que tinha a finalidade de classificar os indivíduos através de marcas no corpo onde o mesmo poderia ser reconhecido pela sociedade como sendo um escravo, um bandido e outros o mesmo deveria ser evitado. (GOFFMAN, 1988).

Na Idade Média a deficiência era vista como algo divino ou demoníaco e muitas vezes, pessoas com deficiência eram punidas, maltratadas e até mesmo torturadas.

As crianças deficientes também eram associadas ao demônio, como sendo fruto de uma relação entre ele e sua mãe. Nestes casos, mãe e filho poderiam ser punidos com a morte na fogueira. Destino final de muitas pessoas que carregavam em seu corpo as marcas da diferença.

Neste mesmo período, com o início das cruzadas, a deficiência deixa de ser unicamente pecado dos pais. Devido ao grande número de mutilados durante as manobras militares que visavam proteger a igreja, as pessoas com deficiência passaram a ser mais aceitas pela sociedade.

Segundo Silva et al., nos séculos XVII e XVIII os deficientes eram guardados em orfanatos, prisões e outros, surgem então as primeiras experiências tendo como objetivo a educação das pessoas com deficiência. Emerge a educação especial no final do século XVIII e início do século XIX como instituição especializada para pessoas com deficiência, pois os mesmos representam uma ameaça para si e os que vivem ao seu entorno.

Aranha (1979) *apud* Correr (2003) faz uma crítica bem oportuna com relação aos objetivos das instituições que é “auxiliar o indivíduo a adquirir um repertório comportamental e um conjunto de atitudes socialmente aceita.” Fato esse que continua a fazer parte das instituições que trabalham com pessoas deficientes, insistindo e colaborando com a segregação dos mesmos. (ARANHA, 1979 *apud* CORRER, 2003, p. 27).

Neste contexto a sociedade foi e é excludente à medida que exige da pessoa com deficiência que se molde as exigências da mesma, organizada para

atender as pessoas que tem um padrão de normalidade compreendido através das representações culturais onde está inserido.

A integração da pessoa com deficiência só ocorreu porque a sociedade no pós-guerra deparou-se com um grande número de soldados deficientes e coube a essa reintegrá-los, oferecendo programas de reabilitação, treinamento e outros, visando preparar uma nova mão de obra.

Estes fatos abriram caminho para que outros movimentos e um novo pensar sobre a pessoa com deficiência. Surge então o paradigma de serviço no qual o indivíduo deveria ser preparado para viver em sociedade, atendo como norte a normalização. Logo depois o foco das discussões e pesquisas muda para o tema qualidade de vida, sendo o indivíduo preparado para assumir papéis de adulto na obtenção do bem estar matéria e físico. (HALPERN, 1993 *apud* CORRER, 2003).

A deficiência pode ser de ordem física, intelectual, sensorial e orgânica, sendo que as limitações impostas pela deficiência podem ser amenizadas e até mesmo recuperadas através da reabilitação, reeducação dos movimentos, próteses e outros.

Segundo o IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no senso de 2000 elucidou a parcela da população que possui algum tipo de deficiência no Brasil estes somam 24,5 milhões de habitantes, perfazendo um total de 14,5% da população brasileira. A deficiência que atingi uma parcela maior desta população é a deficiência visual com 48%, seguida da deficiência física com 27%, auditiva com 16,7% e deficiência mental com 8,3%. (GORGATTI; COSTA, 2008)

Apesar da demora em conhecer esta parcela população, o resultado da pesquisa servirá de orientação para a elaboração de políticas pública mais pontual favorecendo assim as pessoas com deficiência.

A realidade da pessoa com deficiência no Brasil é precária, ainda são insuficientes os investimentos realizados pelo governo em infraestrutura adaptada, hoje é difícil para a pessoa com deficiência transitar pelas calçadas, utilizar o transporte coletivo, atravessar uma rua, e outros.

Atividades simples e corriqueiras, mas que para as pessoas com deficiência significa uma verdadeira batalha, provocando insatisfações e constrangimentos no seu dia a dia. Mas em meio a esse cenário caótico, observamos um inicio promissor de modificação e transformação.

2.3 AS DIFERENTES CONCEITUAÇÕES DA DEFICIÊNCIA

Deficiência assume diferentes conceitos através dos tempos de acordo com os modos e costumes expressados através das relações sociais e ou científicas. Caracteriza-se pela privação da funcionalidade do corpo humano, podendo ser física, sensorial ou psicológica. O indivíduo que possui uma deficiência não o qualifica como inapto, podendo ser minimizada quando o meio oferecer condições de acessibilidade.

Todavia, a Assembleia Geral das Nações Unidas, com base na Resolução nº 48 de 1996, define deficiência como sendo: “A perda ou limitação de oportunidades de participação da vida comunitária em condições de igualdade com as demais pessoas. (SOBRINHO, 2006).

O artigo 3º do Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, que regulamenta a lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989 e a Política Nacional para a Inclusão da Pessoa com Deficiência, defini deficiência como sendo: “Toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano”.

Sendo assim, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apresenta os seguintes conceitos para impedimento, deficiência e incapacidade:

- Impedimento alguma perda ou anormalidade das funções ou da estrutura anatômica, fisiológica ou psicológica do corpo humano;
- Deficiência alguma restrição ou perda, resultante do impedimento, para desenvolver habilidades consideradas normais para o ser humano;
- Incapacidade como uma desvantagem individual, resultante do impedimento ou da deficiência, que limita ou impede o cumprimento ou desempenho de um papel social, dependendo da idade, sexo e fatores sociais e culturais.

A deficiência pode ser adquirida ou permanente e ocorre ou se estabiliza durante um período de tempo suficiente para não permitir recuperação ou ter probabilidade que se altere, apesar de novos tratamentos.

Nesta perspectiva, a OMS abrange importantes argumentos sobre deficiência, a função e estrutura do corpo humano, atividades e participação. Conceituando as funções do corpo humano como sendo fisiológicas ou psicológicas.

Fazem parte da estrutura corporal humana às estruturas anatômicas, tais como órgãos, membros e seus componentes. A atividade nesta perspectiva é o desempenho individual de uma ação ou de uma tarefa. As limitações de atividades como sendo, dificuldades individuais que podem existir no desempenho das mesmas.

Quanto à participação, envolvimento individual nas situações de vida em relação às condições de saúde, funções e estrutura do corpo humano, atividades e outros fatores contextuais. As Restrições da participação como problemas individuais que podem existir para se incluir ou se envolver numa determinada situação de vida.

Lígia Assumpção Amaral (1995) define deficiência diferentemente do decreto supracitado, como sendo: “Alterações do corpo ou aparência física, de um órgão ou de uma função, qualquer que seja sua causa; em princípio significam perturbações em nível de órgão”.

A referida autora ainda caracteriza a deficiência como sendo:

As perdas ou alterações que podem ser temporárias ou permanentes e que incluem a existência ou ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou outra estrutura do corpo, influenciando a função mental. A deficiência representa a exteriorização de um estado patológico e, em princípio, reflete perturbações a nível de órgãos. (AMARAL, 1995, p.63).

As definições supracitadas nos apontam que cada deficiência possui sua própria especificidade, apresentando diferentes aspectos, como uma alteração física, sensorial ou mental e ainda suas combinações, podendo constituir-se como deficiência congênita ou adquirida, impingindo assim uma maior ou menor limitação para quem as possui.

Deficiência física de acordo com Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004, conceitua como sendo:

Uma alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, podendo apresentar-se sob a forma de paraplegia, monoplegia, paraparesia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzem dificuldades para o desempenho de funções.

Entendemos por deficiência física as alterações completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções, com ocorrência em 27% da população brasileira.

A deficiência Intelectual caracteriza-se por limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, como expresso nas habilidades práticas, sociais e conceituais, originando-se antes dos dezoito anos de idade (AAIDD, 2009) (Associação Americana de Deficiência Intelectual).

Envolvendo aspectos relacionados à pessoa, ao seu funcionamento individual no ambiente físico e social, ao contexto e aos sistemas de apoio. (SCHALOCK, 2007; CARVALHO, 2003).

A ocorrência de deficiência intelectual na população mundial é de 5% e em crianças de idade escolar é de 3% dados bastante significativos e atinge 8,3% da população brasileira. (GORGATTI, COSTA, 2008)

Carvalho (2003) considera a deficiência intelectual não mais um traço absoluto da pessoa que a tem e sim um atributo que interage com o seu meio sociocultural, como pessoa atuante e ativa neste contexto.

Schalock (2007) entende que o termo “Deficiência Intelectual” (DI) é um termo mais adequado para ser utilizado substituindo assim o “retardo mental” ou “deficiência mental”.

A deficiência auditiva atinge 16,7% da população brasileira; ocorre a perda parcial ou total das possibilidades auditivas sonoras, variando em grau e nível da forma seguinte:

- de 25 a 40 db (decibéis) – surdez leve;
- de 41 a 55 db – surdez moderada;
- de 56 a 70 db – surdez acentuada;
- de 71 a 90 db – surdez severa; acima
- de 91 db – surdez profunda;
- anacusia – perda total da audição.

A deficiência visual é perda visual, em ambos os olhos, parcial ou total - acuidade visual igual ou menor que 20/200 no melhor olho, após a melhor correção, ou campo visual inferior a 20º (tabela de Snellen), ou ocorrência simultânea de ambas as situações.

A deficiência múltipla caracteriza-se por encontrarmos no mesmo indivíduo duas ou mais deficiências primárias (mental, física, auditiva e visual), com comprometimentos que acarretam consequências no seu desenvolvimento global e na sua capacidade adaptativa

Diante de toda esta conceituação, não podemos deixar de observar que na visão hegemônica médica acerca da pessoa com deficiência, ainda acredita-se que a deficiência é considerada uma doença, que deve ser tratada de forma medicamentosa, onde o indivíduo assume o papel de paciente, necessitando ser curado.

Porém, de acordo com Beyer (2005), a deficiência não se classifica como uma enfermidade, mas sim como uma qualidade das expectativas da sociedade, estando relacionadas ao preconceito, valores e normas, estigmatizando a pessoa com deficiente. Atribuindo-lhes a incumbência de mudar, melhorar, e não a sociedade, muito menos o seu entorno.

Na perspectiva médica as pessoas com deficiência precisam de atendimento especializado, oferecido pelos profissionais da saúde, assistentes sociais, professores de educação especial e outros, proporcionando tratamentos e ocupação específica.

Para que possamos compreender e intervir na realidade da pessoa com deficiência, não devemos ter um olhar simplista como a visão médica, visando simplesmente analisar as condições clínicas individuais da pessoa com deficiência, mas compreender como estas relações se estabelece para que ocorra a exclusão.

3 PARADESPORTO

3.1 HISTÓRIA DO PARADESPORTO

O paradesporto pode ser considerado uma forma de levar o indivíduo que tenha sofrido perda de sua identidade, através de situações que o levaram a uma ausência de movimento ou até mesmo mutilações, a uma reintegração social, através da superação pessoal.

Esta modalidade de atividade física, que envolve modalidades esportivas praticadas por pessoas com deficiência, surgiu há mais de um século. Os primeiros a participarem de competições esportivas em modalidades coletivas, estas organizadas por escolas especiais, foram pessoas com deficiência auditiva, nas modalidades de futebol e basquetebol (SENATORI, 2006).

A primeira competição que reuniu atletas de vários países aconteceu em Paris, os Jogos do Silêncio, e contou com a participação de 145 atletas de nove países europeus, durante os quais foi instituído Comitê Internacional Sports Silencieux (CISS), evento que acontece até hoje (SENATORI, 2006).

As primeiras competições foram organizadas para as pessoas com deficiência auditiva, que faziam parte de um clube, no ano de 1888 em Berlim na Alemanha. As modalidades esportivas de arco e flecha e tiro fizeram parte desta competição.

Desde então, várias modalidades esportivas foram sendo adaptadas a partir das já existentes (vôlei, natação, etc.) e outras criadas especificamente para atender uma determinada deficiência, como é o caso do goalball, praticado por pessoas cegas.

A prática de uma atividade física ou esporte é importante para uma boa qualidade de vida, além de estimular o desenvolvimento das capacidades individuais da pessoa, com ou sem deficiência. Participando das atividades o indivíduo irá ter um maior desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo, permitindo que explore as suas capacidades e potencialidades, proporcionando assim, uma maior interação, consigo e com seus pares, além de uma maior autonomia e a elevação da própria autoestima, pois a participação em atividades sociais que até então, talvez, lhe tenham sido privadas, em decorrência da deficiência, tornam-se um grande estímulo.

As modalidades de esporte para pessoa com deficiência surgiram como suporte aos programas de reabilitação, e que tinham como principal objetivo a motivação, pois se direcionava aos soldados, que ao retornarem da guerra, acometidos por algum tipo de deficiência, poderiam encontrar no esporte, que em muitos casos, já era praticado pelos mesmos antes da deficiência, uma forma superação e de inclusão social. Após a Primeira Guerra Mundial, o esporte já era utilizado como ferramenta para a reabilitação e reintegração da pessoa com deficiência na sociedade.

O paradesporto surge na Inglaterra, mais especificamente na cidade de Aylesbury, quando, a pedido do governo, o neurologista Ludwig Guttmann criou o Centro Nacional de Lesionados Medulares, destinado a tratar homens e mulheres do exército inglês feridos em combate durante a Segunda Guerra Mundial (CASTRO, 2008).

Apesar de já serem promovidas atividades esportivas para pessoas com deficiência na própria Inglaterra e também em países como Estados Unidos e Alemanha, foi em 1948 que o conceito ganha caráter oficial, com os jogos de Stoke Mandeville, onde participaram apenas 16 atletas cadeirantes, 14 homens e duas mulheres, das Forças Armadas Britânicas, veteranos de guerra. Os jogos coincidiram com a realização da XIV Olimpíada em Londres (CASTRO, 2008).

Ludwig Guttmann fazia uso das modalidades esportivas de arco, flecha e o tênis de mesa para a reabilitação de seus pacientes no Hospital de Reabilitação de Stoke Mandeville, em Aylesbury na Inglaterra, pois acreditava que o esporte era uma valiosa ferramenta. (CASTRO, 2008).

A segunda edição dos jogos Stoke Mandeville, 1952 contou com a participação dos ex-soldados ingleses e holandeses. Constituindo assim competições internacionais, originou-se assim a Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville, que posteriormente o nome do evento foi sendo substituído por o que conhecemos hoje como as Paraolimpíadas. (CASTRO, 2008).

Os Jogos Desportivos de Stoke Mandeville foram realizados quatro anos depois, de 19 a 24 de setembro, em Roma, intitulados “Olimpíadas dos Portadores de Deficiência” e contaram com a participação de 400 atletas em cadeira de rodas de 23 países, nas modalidades de snooker, basquete em cadeira de rodas, natação, arco e flecha, lançamento, arremesso. O evento aconteceu nas mesmas instalações

das Olimpíadas, o palco da abertura do evento foi o Estádio Acqua Acetosa, prestigiados por mais de 5.000 espectadores. (CASTRO, 2008).

Os jogos de Stoke Mandeville foram o primeiro passo para o fortalecimento do paradesporto mundial. Já em 1952 foi fundado o Comitê Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville, que mais tarde viria a tornar-se a Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville, que hoje é responsável pela organização e realização de eventos mundiais direcionados a atletas cadeirantes. (CASTRO, 2008).

À medida que os jogos aconteciam, respostas e resultados positivos foram sendo atingidos, as pesquisas foram estimuladas, oportunizando as pessoas com deficiência uma melhor performance e, conseqüentemente, um ganho de autonomia e autoconfiança para realizar as atividades do cotidiano. Surgem a partir daí, programas esportivos, recreativos, de alto rendimento e tantos outros, visando um melhor desempenho e uma melhor qualidade de vida.

Com isso abriu-se um leque de possibilidades para as pessoas com deficiência; estes começaram a ter acesso à prática esportiva com treinamento e suporte tecnológico, assessorados pelas pesquisas e novas tecnologias, foram cada vez mais obtendo excelentes resultados, causando admiração aos pesquisadores e do público que os assistia.

Para participar de competições, o paratleta necessita de um excelente desempenho psicológico e físico, tática e técnicas adequadas para atingir os seus objetivos. Isso porque serão a todo o momento, submetidos a vários tipos de pressões que a competição exige, tendo que superar os próprios limites, mantendo uma regularidade em seu desempenho como resposta ao elevado nível de exigência.

Em nosso país, a primeira iniciativa voltada ao paradesporto foi a criação do Clube do Otimismo, na cidade do Rio de Janeiro em 1958 e logo em seguida a do Clube dos Paraplégicos na cidade de São Paulo. (ARAUJO, 1998).

Já no ano seguinte ocorre em nosso país a primeira competição de atletas com deficiência: um jogo de basquete em cadeira de rodas, entre equipes do Rio de Janeiro e São Paulo (ARAUJO, 1998).

Em 1969 o Brasil participa em Buenos Aires das primeiras competições internacionais e em 1972 é representado pela primeira vez nas Paraolimpíadas, nos jogos de Heidelberg na Alemanha. (REVISTA ÉPOCA, 2011).

Com o passar do tempo, outras modalidades foram sendo agregadas e surgiu então, a necessidade de criar-se uma entidade que administrasse o paradesporto em nível nacional. E, afinal, em 1975 surge a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE), que já em 1977 coordena os Jogos Parapanamericanos. (ARAUJO, 1998).

Em 1984, são criadas a Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC) e a Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR) e em 1990, é criada a Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA) e, em 1995, a Associação Brasileira de Desporto para Deficientes Mentais (ABDEM) (ARAUJO, 1998).

Também em 1995 surge o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) com a união das cinco entidades nacionais de administração do paradesporto (ANDE, ABDC, ABRADECAR, ABDA e ABDEM). (ARAUJO, 1998).

No ano de 1996 são realizados em nosso país os primeiros Jogos Brasileiros Paradesportivo, que reuniu em Goiânia cerca de 700 atletas. Já no ano seguinte, a atividade ganhou dimensão e importância para a mídia e com o apoio de patrocinadores, foram realizados os II Jogos Brasileiros Paradesportivos e contou com a participação de artistas, esportistas olímpicos e do então Ministro Pelé (REVISTA ÉPOCA, 2011).

No ano de 2001 é sancionada a Lei 10.264 (Lei Agnelo-Piva) que determina que 2% da arrecadação bruta dos prêmios das loterias federais sejam repassados aos comitês olímpicos e paraolímpicos brasileiros. (REVISTA ÉPOCA, 2011).

Do montante, 15% devem ser direcionados ao CPB e investidos na formação, preparação técnica, manutenção e locomoção dos atletas aos locais de competição. Diante deste incentivo, o paradesporto no Brasil vem crescendo e se desenvolvendo tecnicamente. (REVISTA ÉPOCA, 2011).

3.2 HISTÓRIA DAS PARAOLÍMPIADAS

Inicialmente supunha-se que a palavra Paraolímpica originava-se da junção das palavras Para de Paraplégico e Olímpico, no entanto a origem da palavra Paraolímpica deriva da preposição grega Para de paralelo com a palavra Olímpica. Os jogos paraolímpicos são realizados paralelos às Olimpíadas, a partir de 1960,

acontecendo duas semanas após as Olimpíadas, no mesmo país, utilizando as mesmas instalações das Olimpíadas, adaptadas para receber os participantes. (CONDE, 2006).

A origem dos jogos paraolímpicos é atribuída a reabilitação médica e social, utilizando-se das práticas desportivas desenvolvidas para os soldados acometidos de lesões medulares ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial, seu mentor foi neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann. (CONDE, 2006).

No ano de 1960, Antônio Maglio, que dirigia o centro de Lesionados Medulares de Ostia na Itália, sugeriu ao Comitê Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville que a competição ocorresse em Roma, após as XVI Olimpíadas, surgem assim os primeiros Jogos Paraolímpicos, que utilizou as mesmas instalações dos atletas não portadores de deficiência, reunindo no evento 400 paratletas, e com a participação de 23 países. (CONDE, 2006).

A partir desta data, havendo raras exceções, os Jogos Paraolímpicos são realizados algumas semanas após os Olímpicos na mesma cidade sede.

Em 1964, foi realizada II Paraolimpíada, em Tóquio, Japão, também utilizando-se das mesmas instalações das Olimpíadas; participaram 22 países representados por 375 paratletas sendo prestigiada por mais de cinco mil espectadores, inclusive pela realeza local. Esta edição contou com o apoio do Comitê Paraolímpico, empresários, entre outros, aqui a mídia se fez presente, estes jogos marcam o início das transmissões e divulgação das Paraolimpíadas. (CONDE, 2006).

Posteriormente, em Tel Aviv, Israel, em 1968, as Paraolimpíadas foram prestigiadas pelo dobro de telespectadores da edição anterior; apresentou-se ao público novas modalidades esportivas como: esgrima, basquetebol, tênis de mesa, atletismo, halterofilismo, arco e flecha, bocha e sinuca. Esta edição foi marcada por uma maior cobertura da mídia, divulgando e registrando a quebra de 20 recordes mundiais. (CONDE, 2006).

A primeira participação brasileira foi em 1972, na IV Paraolimpíada de Heidelberg, Alemanha, competindo na modalidade de bocha, não obtendo resultados que justificassem medalhas. Participaram paratletas de 44 países, somando um total de mais de mil participantes. Novas modalidades foram apresentadas em caráter experimental, o goalball e os 100m rasos, para atletas com deficiência visual. (CONDE, 2006).

Somente na V edição das Paraolimpíadas em 1976, em Toronto, Canadá, que o Brasil conquistou as suas duas primeiras medalhas, de prata, na modalidade de bocha, pelos paratletas Luis Carlos Coutinho e Robson Sampaio de Almeida. Nesta edição, as transmissões dos jogos ocorreram ao vivo e partes das provas puderam ser vistas em tempo real. (CONDE, 2006).

Outra grande vitória foi que a comissão organizadora conseguiu alojar os participantes com mais conforto. A abertura dos Jogos contou com mais de 24 mil espectadores maravilhados com o desfile das delegações de 42 países, perfazendo um total de 1600 paratletas, participando das modalidades esportivas tradicionais, como também das novas competições de 200m, 400m, 800m e 1500m. (CONDE, 2006).

Foi também em 1976 que a Organização Internacional para Esporte para Deficientes conseguiu incluir nos Jogos Paraolímpicos provas para atletas cegos e amputados e em 1980 houve a primeira participação de atletas com paralisia cerebral participarem das competições. (CONDE, 2006).

Nas Paraolimpíadas de Arnhem, Holanda, em 1980 o Brasil participa pela primeira vez nas modalidades de basquetebol em cadeira de rodas e natação, mas não conquista medalhas. Fizeram parte deste evento 42 países com mais de 1900 atletas, prestigiados por mais de doze mil espectadores no desfile de abertura. Mais uma vez outras modalidades esportivas foram incorporadas ao programa, são elas: goalboll, voleibol e competições para paralisados cerebrais, neste mesmo ano instituído o Comitê Paraolímpico Internacional. (CONDE, 2006).

A edição das Paraolimpíadas de 1984 foi Ímpar, pois aconteceu em dois países distintos, na Inglaterra em Aylesbury e nos EUA, em Nova Iorque, contando com o prestígio do presidente estadunidense e de mais de oitenta mil pessoas, que puderam acompanhar treze modalidades de competição, além da cerimônia de abertura, com a participação de 1.700 atletas de 45 países. (CONDE, 2006).

Nesta ocasião os brasileiros conquistaram seis medalhas: uma de ouro, três de prata duas de bronze. E houve, pela primeira vez, a participação de atletas com deficiência visual. (CONDE, 2006).

Já na Inglaterra, os jogos contaram com a participação de 41 países representados por mais de mil e cem atletas, competindo nas modalidades de atletismo, bocha, arco e flecha, basquetebol, tiro, natação, sinuca, halterofilismo e tênis de mesa e estreando a maratona, onde seus participantes eram todos

cadeirantes. O Brasil teve a sua melhor participação até então. A delegação era composta de 21 atletas, conquistando seis medalhas de ouro, quatorze de prata e duas de bronze. (CONDE, 2006).

E em Seul, Coreia do Sul, em 1988, a tecnologia se fez presente como também a mídia, com a transmissão para todo o planeta. Observou-se um maior profissionalismo dos participantes e a quebra de muitos recordes.

O Brasil teve uma excelente participação conquistando 27 medalhas, sendo quatro de ouro, dez de prata e treze de bronze. O evento foi prestigiado por mais de 75 000 espectadores, com a participação de 61 países representados por três mil atletas em de dezesseis modalidades esportivas. (CONDE, 2006).

Em 1992, Barcelona na Espanha, recebe para as competições três mil atletas de 83 países. A cidade foi adaptada para receber este evento, contou com a presença de 65.000 pessoas. Foi esta a primeira edição na qual a mídia representada por várias emissoras de televisão, deu suporte para que um número cada vez maior de pessoas pudessem acompanhar, pela televisão, em tempo real, todas as competições. O Brasil conquista 27 medalhas, sendo quatro de ouro, dez de prata e treze de bronze. (CONDE, 2006).

Nas Paraolimpíadas de 1996, realizadas em Atlanta nos EUA, houve a participação de 103 países, representados por mais de 3.200 atletas. Foi neste ano que os deficientes intelectuais participaram competitivamente. O Brasil conquista 21 medalhas, sendo duas de ouro, seis de prata e treze de bronze. Nesta edição a mídia se fez presente com mais de dois mil profissionais, entre repórteres, fotógrafos e assessores de imprensa. (CONDE, 2006).

Em Sidney, 2000, a organização das Paraolimpíadas foi memorável, recebeu o título de segundo maior evento esportivo, perdendo apenas para as Olimpíadas. Contaram com 3.800 atletas de 122 países, vários recordes foram superados, reuniu o dobro de espectadores da edição anterior, com mais de 1,2 milhões de ingressos vendidos. O Brasil teve uma excelente participação conquistando 22 medalhas, sendo seis de ouro, dez de prata e seis de bronze. (CONDE, 2006).

As Paraolimpíadas de Atenas, em 2004, organizadas pelo mesmo comitê responsável pelas Olimpíadas, contou com a participação de quatro mil atletas disputando 19 modalidades esportivas. A mídia fez-se presente na cobertura dos jogos, com dois mil profissionais com mais de 300 horas de cobertura. Teve o apoio

de 15.000 mil voluntários, a infraestrutura da vila paraolímpica foi adaptada para receber os participantes, garantindo assim a acessibilidade. (CONDE, 2006).

Em Pequim 2008, a visibilidade dada pelos organizadores do evento elevou o padrão das modalidades Paraolímpicas. Participaram deste evento um total de 3.951 atletas, sendo dentre estes, 1.383 mulheres, representando 146 países para competir em sua respectiva modalidade desportivos. (IPC, acesso em: 20 jan. 2011)

As modalidades disputadas em Pequim em 2008 foram: atletismo, bocha, ciclismo, hipismo, futebol 5 de cada lado, futebol 7, goalball, judô, halterofilismo, vela, tiro, natação, tênis de mesa, voleibol (sentado), basquetebol cadeira de rodas, esgrima cadeira de rodas, rugby e tênis de cadeira de rodas e pela primeira vez nos jogos a modalidade de remo. (CONDE, 2006)

A primeira Paraolimpíada aconteceu em 1960, em Roma, e contava com a participação de 23 países e 400 atletas. Já em sua edição mais recente, em Pequim 2008, o evento reuniu 148 países e 4.011 atletas. Nestas, o Brasil ficou entre os nove melhores países, com 47 medalhas, sendo dezesseis de ouro, quatorze de prata e dezessete de bronze. (CONDE, 2006).

Os números mostram que entre a primeira e a última versão dos jogos houve uma grande evolução no que se refere ao número de participantes, envolvimento com a organização e grandiosidade dos jogos. O esporte para pessoas com deficiência abandonou o caráter estritamente voltado ao lazer e reabilitação e voltou-se também para a procura do alto rendimento.

3.3 MODALIDADES ESPORTIVAS E A CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DOS PARADESPORTOS

O paradesporto e suas modalidades esportivas são competições fundamentadas pela classificação funcional, embasadas por métodos que encaminham o atleta para atuar positivamente na modalidade esportiva, modalidades estas, que a cada ano vêm se modificando e aperfeiçoando, beneficiadas pelas tecnologias, pesquisas, programas de treinamento.

A classificação funcional tem por objetivo fazer um nivelamento entre as capacidades competitivas e as físicas dos paratletas, agrupando-os de acordo com

deficiências semelhantes (classes). Envolve uma avaliação física e técnicas através de observação em competições ou fora das mesmas. (VERÍSSIMO, 2006).

Segundo Guttman apud Veríssimo o objetivo da classificação funcional é: “assegurar a competição justa, eliminar as possibilidades de injustiças entre participantes de classes semelhantes e dar prioridade para as mais severas desabilidades”. (GUTTMANN, 1976 *apud* VERÍSSIMO, 2006, p. 35).

Sendo assim, classificação funcional é instrumento de avaliação, que faz parte da estrutura de desenvolvimento das modalidades paraolímpicas, onde os atletas são agrupados em classes, hierárquica dos resíduos musculares, obtidos através de doenças, acidentes e outros, garantindo a participação dos mesmos nas competições em nível de igualdade, proporcionando assim uma prova justa e igualitária. Fazem parte das categorias os:

- Lesionados Medulares (classificação levando em consideração a altura da lesão).
- Amputados (nível de lesão):
 - Paralisia cerebral (PC).
 - Com limitação cognitiva.
 - Deficientes visuais.
 - Les autres que traduzindo significam os outros que não se enquadram nas categorias já citadas. (GUTTMANN, 1976 *apud* VERÍSSIMO, 2006).

QUADRO 1 - CLASSES FUNCIONAIS

AMPUTADO	PISTA	EM PÉ CADEIRA DE RODAS	T42; T43; T44; T45;F46; T50;T51;T52;T53
	CAMPO	EM PÉ	F41; F42; F43; F45; F46
PARALISADO CEREBRAL	PISTA	EM PÉ CADEIRA DE RODAS	T35; T36; T37; T31; T32; T33; T34
	CAMPO	EM PÉ CADEIRA DE RODAS	F35; F36; F37;F38 F31; F32; F33; F34
LESADO MEDULAR	PISTA	EM PÉ CADEIRA DE RODAS	T42; T43; T44; T45;F46; T51;T52;T53;T54
	CAMPO	EM PÉ CADEIRA DE RODAS	T51;T52;T53;T54;F55

Fonte: Veríssimo e Ravache (2006).

Atualmente o processo de classificação conta com uma equipe de avaliadores, compostas por médicos, fisioterapeutas, professores de educação física e outros. Fazem parte da Paraolimpíada as seguintes modalidades esportivas: atletismo, bocha, ciclismo, hipismo, futebol 5, futebol 7, goalball, judô, halterofilismo, vela, tiro, natação, tênis de mesa, voleibol (sentado), basquetebol cadeira de rodas, esgrima cadeira de rodas, rugby e tênis de cadeira de rodas e pela primeira vez nos jogos a modalidade de remo. (IPC, acesso em: 20 jan. 2011)

O atletismo é uma das modalidades mais amplamente difundidas, pois envolve movimentos naturais como correr, saltar, lançar e arremessar, atividades que fazem parte do cotidiano da humanidade e é a mais acessível a todos. Esta modalidade esportiva faz parte das Paraolimpíadas desde a sua primeira edição em Roma, 1960. Participam pessoas das provas pessoas com deficiência física e visual, para ambos os sexos reunindo um número expressivo de participantes com diferentes comprometimentos físicos. (VERÍSSIMO, 2006).

Participam também das competições as pessoas com deficiência visual que fazem uso do sistema de classificação da IBSA e é utilização em todas as modalidades esportivas. Adota para tanto os parâmetros de acuidade (distância) visual e de campo visual.

QUADRO 2 - CLASSES PARA OS ATLETAS DEFICIENTES VISUAIS

B1	Cegos	Com ou sem percepção luminosa
B2	Baixa visão	AV → < 2/60 ou CV → < 5 °
B3	Baixa visão	AV → entre 2/60 e 6/60 ou CV → entre 5° e 20°

Fonte: Veríssimo e Ravache (2006).

Em competições as regras utilizadas são as da Federação Internacional de Atletismo (IAAF), adaptadas para o uso de guia, cadeira de rodas e próteses desde que não ofereça desvantagens para os adversários. (VERÍSSIMO, 2006).

As competições de atletismo que utilizam as regras do International Paralympic Committee (IPC) recebem a seguinte classificação:

Nas provas de campo (arremesso, lançamentos e saltos)

F– FIELD (CAMPO):

- *F11 A F13* – deficientes visuais.
- *F20* – deficientes mentais.
- *F31 A F38* – paralisados cerebrais (31 a 34 - cadeirantes e 35 a 38 - ambulantes).
- *F40* – anões.
- *F41 A F46* – amputados e *LES AUTRES* (os outros).

F51 A F58 – competem em cadeiras (sequelas de poliomielite, lesões medulares e amputações). (VERÍSSIMO, 2006).

Para provas de pista (corridas de velocidade e fundo)

T – TRACK (PISTA):

- *T11 A T13* – deficientes visuais.
- *T20* – deficientes mentais.
- *T31 A T38* – paralisados cerebrais (31 a 34 - cadeirantes e 35 a 38 - ambulantes).
- *T41 A T46* – amputados e *LES AUTRES*.
- *T51 A T54* – competem em cadeiras (sequelas de poliomielite, lesões medulares e amputações). (VERÍSSIMO, 2006).

QUADRO 3 - SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO

IBSA – International Blind sports Association	IBSA – International Paralympic Committee+
B1 Cego	T – 11 (Provas de pista) F – 11 (Provas de campo)
B2 – Baixa visa	T – 12 (Provas de pista) T – 12 (Provas de pista)
B3 – Baixa visão	T – 13 (Provas de pista) F – 13 (Provas de campo)

Fonte: Veríssimo e Ravache (2006).

A modalidade do Bocha adaptada é utilizada somente por pessoas com paralisia cerebral de ambos os sexos, podendo ser praticada individualmente e

seguem as regras da CP - ISRA Cerebral Palsy - International Sport and Recreation Association sa lmente. Pode também participar pessoas com deficiência severa degenerativa, com comprometimento de membros inferiores e superiores, com tetraplegia acima ou através da vértebra C5, as equipes são compostas por três jogadores. (CAMPEÃO, 2006).

A classificação é feita em quatro classes distintas:

- BC1: Tanto para arremessadores CP1 como para jogadores CP2. Atletas podem competir com o auxílio de ajudantes, que devem permanecer fora da área de jogo do atleta. O assistente pode apenas estabilizar ou ajustar a cadeira do jogador e entregar a bola a pedido.
- BC2: Para todos os arremessadores CP2. Os jogadores não podem receber assistência.
- BC3: Para jogadores com deficiências muito severas. Os jogadores usam um dispositivo auxiliar e podem ser ajudados por uma pessoa, que deve permanecer na área de jogo do atleta, mas deve se manter de costas para os juízes e evitar olhar para o jogo.
- BC4: Para jogadores com outras deficiências severas, mas que não podem receber auxílio. (CAMPEÃO, 2006).

O Ciclismo é a modalidade esportiva onde participam pessoas com paralisia cerebral (PC), competindo nas provas contra o relógio individual, sendo o itinerário fechado. As pessoas cegas participam das competições com um par vidente, nas provas contra o relógio e estrada em equipe. Os atletas amputados fazem uso de adaptações em suas bicicletas nas provas de estrada, usando bicicleta com dois acentos (tandems), com um guia vidente, podendo ainda ser utilizados triciclos quando a deficiência for muito severa. (IPC, acessado em 20 jan. 2011)

Esta modalidade possui a seguinte classificação:

LC - Locomotor Cycling (pessoas com dificuldade de locomoção)

- LC1 - Atletas com pequeno prejuízo em função da deficiência, normalmente nos membros superiores.
- LC2 - Atletas com prejuízo físico em uma das pernas, permitindo o uso de prótese para competição.

- LC3 - Atletas que pedalam com apenas uma perna e não podem utilizar próteses.
- LC4 - Atletas com maior grau de deficiência, normalmente amputação em um membro superior e um inferior. (ibid).

O futebol de sete é uma modalidade esportiva praticada por atletas com paralisia cerebral decorrente de um acidente vascular ou de sequelas de traumatismo crânioencefalo; são jogadores poucos afetados e não fazem uso da cadeira de rodas. Em conformidade com o grau de comprometimento, os atletas são distribuídos em classes de 5 a 8, sendo que quanto maior a classe, menor é o comprometimento físico do mesmo. Em todas as partidas é necessária a participação de um atleta da classe 5 ou 6 com um comprometimento físico maior. A Associação Nacional de Desporto para Deficiente (ANDE) é quem administra a modalidade. (CASTELLI, 2006)

O futebol de cinco é uma modalidade esportiva específica para pessoas cegas e os mesmos são divididos em categorias: B1 e B2 - B3.

- B1 – ausência da percepção de luz nos dois olhos, nesta categoria o goleiro deve ter visão normal;
- B2 e B3 – deficiência visual parcial, subdividida em dois níveis B2(-) e B3; utilizam-se as regras do futsal convencional. (CASTELLI, 2006).

O Futebol sete para paralisados cerebrais é uma modalidade esportiva exclusivamente masculina, participam pessoas com paralisia cerebral, acidente vascular cerebral e ou sequelas de crânioencefálico. As regras utilizadas nas competições são as da FIFA, algumas adaptadas pela Associação Internacional de Esporte e Recreação para Paralisados Cerebrais (CP-ISRA). (CASTELLI, 2006).

A classificação funcional desta modalidade é:

- Classe 5 – Diplegia, coreoatetose moderada, hemiplegia severa, triplegia severa ou leve, quadriplegia leve (caminham com extrema dificuldade).
- Classe 6 - Triplegia severa ou moderada espasticidade /atetose, quadriplegia leve ou moderada com espasticidade /atetose (caminham com relativa dificuldade).

- Classe 7 – É uma classe quase que exclusivamente para PC, triplegia leve, hemiplégicos leves, moderados e severos (caminham com dificuldade).
- Classe 8 - Faz parte dessa classe pessoas com hemiplegia afetada e monoplegia (caminham com pouca dificuldade). (CASTELLI, 2006).

A modalidade esportiva idealizada para pessoas com deficiência visual é o goalball, um jogo em equipe com três jogadores cada, tendo como princípio as percepções táteis, auditivas e orientação espacial. (NASCIMENTO, 2006)

A classificação funcional segue a Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA) pois dá legitimidade aos participação em competições por atletas cegos e deficientes visuais.

As classificações visuais são as seguintes reconhecidas pelo IPC e a IBSA:

- B1 ou S11 – ausência da percepção de luz nos dois olhos.
- B2 ou S12 – capacidade de reconhecer a forma de uma mão, acuidade visual de 2/60.
- B3 ou S13 – acuidade visual de 2/60, campos visuais de mais de 5 graus e menos de 20 graus. (NASCIMENTO, 2006).

O judô é uma competição que segue as normas da Federação Internacional de Judô; as competições se dividem em individuais, por equipe masculina e feminina, deficiente visual. (VIEIRA, 2006).

Os atletas deficientes visuais nesta modalidade juntos nas classes B1 B2 e B3 seguindo a seguinte classificação:

- B1 – Cego total: sem percepção luminosa em ambos os olhos até a percepção de luz, sem reconhecer formatos de mão.
- B2 – Percepção de vultos. Reconhece uma mão e acuidade visual de 2/60 ou campo visual inferior a 5°.
- B3 – Definem-se imagens. Acuidade visual de 2/60 a 6/60 ou campo visual entre 5° e 20°. (VIEIRA, 2006).

O halterofilismo é uma modalidade esportiva praticada por atletas com paralisia cerebral ou com deficiência física nos membros inferiores. São categorizados por peso corporal, sendo dez categorias masculinas de até 48 kg; 52 kg; 60 kg; 67,5 kg; 75 kg; 82,5 kg; 90 kg; 100 kg e acima de 100 kg. E dez categorias femininas até 40 kg; 44 kg; 48 kg; 52 kg; 56 kg; 60 kg; 67,5 kg; 75 kg; 82,5 kg e

acima de 82,5 kg. Os atletas tem que possuir a habilidade de estender completamente os braços na realização do movimento, de acordo com as regras. (CPB, acesso em: 20 jan. 2011).

A Vela é uma modalidade esportiva na qual participam das competições pessoas com deficiência locomotora ou visual. As regras da Vela paraolímpica são regidas pela Federação Internacional de Latismo - ISAF e também adaptadas pela Federação Internacional de Latismo para Deficientes - IFDS. (VIEIRA, 2006).

Nas competições olímpicas três tipos de barcos são usados: o barco da classe 2.4mR, tripulado por um único atleta; o barco da classe Sonar, com três atletas; e o barco SKUD-18 para dois tripulantes paraplégicos, sendo obrigatoriamente 1 tripulante feminino. (VIEIRA, 2006).

As regatas servem para testar os conhecimentos do velejador. A competição é composta de várias regatas, onde os juízes fiscalizam o percurso para que os paratletas não cometam nenhuma infração. Vence a regata quem tiver o melhores resultados no somatório final, pois utilizam a seu favor as melhores manobras, mais velocidade e buscar condições de vento favorável. (VIEIRA, 2006).

Tiro é uma modalidade esportiva para ambos os sexos, individual ou por equipe. Participam das competições amputados, tetraplégicos, paraplégicos e com outras deficiências locomotoras na mesma prova.

A prova de Tiro se divide em três classes:

- SH1: atiradores de rifle e pistola, sem apoio para a arma.
- SH2: atiradores de rifle precisam de um suporte para a arma.
- SH3: atiradores de rifle com deficiência visual. (CPB, acesso em: 20 jan. 2011).

Uma das mais tradicionais modalidades esportivas para pessoa com deficiência e que agrega um grande número de participantes é a natação, com a quebra de vários recordes mundiais. As regras gerais não diferem muito das utilizadas na natação convencional, sendo que as competições são divididas em categorias feminina e masculina, individuais ou em equipe de revezamento, podendo o atleta solicitar auxílio para entrar e sair da piscina.

Para nomear as classes utiliza-se a letra S, que significa que o atleta competirá nas provas de nado livre, borboleta e costas. O nado de peito é simbolizado pela SB, de braststroke, e no medley utiliza-se o SM.

Segundo Abrantes (2006), as classes são divididas da seguinte forma:

- Deficientes físicos: S1 / SB1 / SM1 A S10 / SB9 / SM10.
- Deficiente visual: S11 / SB11 / SM11 a S13 / SB13 / SM13.
- Deficiente intelectual: S14 / SB14 / SM14.

As classificações visuais são as seguintes reconhecidas pelo IPC e a IBSA:

- B1 ou S11 – ausência da percepção de luz nos dois olhos.
- B2 ou S12 – capacidade de reconhecer a forma de uma mão, acuidade visual de 2/60.
- B3 ou S13 – acuidade visual de 2/60, campos visuais de mais de 5 graus e menos de 20 graus. (CPB, acesso em: 20 jan. 2011)

Segundo Penafort (2001 *apud* ABRANTES, 2006) os padrões motores da classificação funcional da natação são:

- S1 – Lesão medular completa abaixo de C4/5, ou pólio comparado, ou paralisia cerebral quadriplégico severo e muito complicado.
- S2 – Lesão medular completa abaixo de C6, ou pólio comparado, ou PC quadriplégico grave com grande limitação dos membros superiores.
- S3 – Lesão medular completa abaixo de C7, ou lesão medular incompleta abaixo de C6, ou pólio comparado, ou amputação dos quatro membros.
- S4 – Lesão medular completa abaixo de C8, ou lesão medular incompleta abaixo de C7, ou pólio comparado, ou amputação de três membros.
- S5 – Lesão medular completa abaixo de T1-8, ou lesão medular incompleta abaixo de C8, ou pólio comparado, ou acondroplasia de até 130 cm com problemas de propulsão, ou paralisia cerebral de hemiplegia severa.
- S6 – Lesão medular completa abaixo de T9-L1, ou pólio comparado, ou acondroplasia de até 130 cm, ou paralisia cerebral de hemiplegia moderada.
- S7 – Lesão medular abaixo de L2-3, ou pólio comparado, ou amputação dupla abaixo dos cotovelos, ou amputação dupla acima do joelho e acima do cotovelo em lados opostos.

- S8 – Lesão medular abaixo de L4-5, ou pólio comparado, ou amputação dupla acima dos joelhos, ou amputação dupla das mãos, ou paralisia cerebral de diplegia mínima.
- S9 – Lesão medular na altura de S1-2, ou pólio com uma perna não funcional, ou amputação simples acima do joelho, ou amputação abaixo do cotovelo.
- S10 – Pólio com prejuízo mínimo de membros inferiores, ou amputação dos dois pés, ou amputação simples de uma mão, ou restrição severa de uma das articulações coxofemoral.

Já o tênis de mesa também é uma das mais tradicionais entre as competições paraolímpicas. Os atletas são divididos em 11 classes distintas: cinco classes (I, II, III, IV, V) para atletas cadeirantes e cinco classes (VI, VII, VIII, IX, X) para atletas andantes, sendo a classe XI destinada aos atletas andantes com deficiência mental. A competição é dividida em competições femininas e masculinas, por equipes, individuais e open (NAKASHIMA, 2006)

A classificação funcional para cadeirantes são:

- Classe I (tetraplégico): atleta com grave redução da atividade no braço que joga, afetando a ação de agarrar, a flexão do pulso e a extensão do cotovelo. O músculo tríceps não é funcional.
- Classe II (tetraplégico): atleta com redução da atividade no braço que joga, afetando a ação de agarrar e a função da mão (músculos do pulso). O músculo tríceps é funcional.
- Classe III (paraplégico): atleta com insuficiente equilíbrio quando sentado ereto numa cadeira de rodas sem suporte de um encosto; músculos abdominais e das costas não são funcionais para controlar a parte superior do tronco e fixar a posição lombar.
- Classe IV (paraplégico): atleta com suficiente equilíbrio quando sentado ereto; sem movimento deliberado no tronco nos planos sagital e frontal devido à falta dos músculos funcionais do quadril e da coxa.
- Classe V (paraplégico): atleta com bom equilíbrio quando sentado ereto e com a musculatura do tronco e abdome funcionais; amputação em uma das pernas com capacidade funcional de caminhar (NAKASHIMA, 2006).

A classificação funcional para andantes é:

- Classe VI: atleta com a combinação de deficiências no braço que joga e nos membros inferiores .
- Classe VII: atleta com amputação simples (braço que joga) ou dupla, acima ou abaixo do cotovelo, ou a combinação de ambos; atleta com ambos os membros inferiores afetados.
- Classe VIII: atleta com amputação simples acima ou dupla abaixo do joelho; atleta com grave deficiência em um ou dois membros inferiores.
- Classe IX: atleta com amputação simples abaixo do joelho, mas bom equilíbrio dinâmico e deficiência mínima em uma perna.
- Classe X: atleta com amputação de 1/3 do antebraço do braço livre, com função normal do braço que joga; deficiência muscular mínima em uma das pernas.
- Classe XI: atleta com deficiência mental (NAKASHIMA, 2006).

O Voleibol paraolímpico sentado é uma modalidade esportiva praticada por pessoas com limitada mobilidade, participam atletas com paralisia cerebral, amputados (principalmente de membros inferiores), lesão na coluna vertebral e com algum tipo de deficiência na locomoção. (CPB, acesso em: 25 jan. 2011).

O mesmo é organizado pela Organização Mundial de Voleibol para Deficientes (WOVD) e no nosso país é administrada pela Associação Brasileira de Voleibol Paraolímpico (ABVP). (CPB, acesso em: 25 jan. 2011).

A classificação funcional do voleibol sentado é dividida em amputados e *les autres* (os outros). Utilizam os seguintes códigos para identificação:

- AK - Acima ou através da articulação do joelho (*above knee*).
- BK - Abaixo do joelho, mas através ou acima da articulação tálus-calcâneo (*belowknee*).
- AE - Acima ou através da articulação do cotovelo (*above elbow*).
- BE - Abaixo do cotovelo, mas através ou acima da articulação do pulso (*below elbow*). (CPB, acessado em 25 jan. 2011).

Os amputados possuem nove classes básicas, são elas:

- Classe A1 = Duplo AK.
- Classe A2 = AK Simples.
- Classe A3 = Duplo BK.
- Classe A4 = BK Simples.

- Classe A5 = Duplo AE.
- Classe A6 = AE Simples.
- Classe A7 = Duplo BE.
- Classe A8 = BE Simples.
- Classe A9 = Amputações de membros inferiores e superiores combinada. (CPB, acesso em: 25 jan. 2011).

O basquete de cadeiras de rodas é uma modalidade paraolímpica desenvolvida nos EUA pelos veteranos da II Guerra Mundial com lesões medulares completas ou incompletas, que estavam em processo de reabilitação hospitalar. Posteriormente, atletas com outros tipos de deficiência física (amputações e outras) foram sendo agregados, fez-se necessário critérios que garantisse a participação de todos. (TEIXEIRA, 2006).

Classificação funcional para o basquetebol de cadeira de rodas:

- Classe I: atleta com nível de lesão acima de T7.
- Classe II: atleta com nível de lesão T8 a L1.
- Classe III: atleta com nível de lesão L2 a L5.
- Classe IV: atleta com nível de lesão S1 a S2 (CPB, acesso em: 25 jan. 2011)

A esgrima de cadeira de rodas é praticada por pessoas com comprometimento motor, sendo que na competição a cadeira de rodas deve ser fixada na pista, de forma a não limitar o movimento do corpo. Pode ser disputada individualmente ou em equipe, nas modalidades de florete, espada e esgrima para ambos os sexos. As regras utilizadas são da Federação Internacional de Esgrima (IFE), com algumas modificações introduzidas pela International Stoke Mandeville Wheelchair Sport Federation (ISMWSF). (CPB, acesso em: 25 jan. 2011).

Os atletas que participam desta modalidade são avaliados pelo equilíbrio lateral, a extensão da musculatura dorsal e outros.

Classificação funcional da esgrima de cadeira de rodas é:

- Classe 1A - Atletas sem equilíbrio sentado, que têm limitações no braço armado, não possuem extensão eficiente do cotovelo em relação à gravidade e não possuem função residual da mão, fazendo com que seja necessário fixar a arma com uma atadura. É comparável à antiga ISMGF 1A, ou tetraplégicos com lesões espinhais no nível da C5/C6.

- Classe 1B - Atletas sem equilíbrio sentado e com limitações no braço armado. Há extensão funcional do cotovelo, mas não há flexão dos dedos. A arma precisa ser fixada com uma bandagem. É comparável ao nível completo de tetraplegia no nível da C7/C8 ou lesão incompleta superior.
- Classe 2 - Atletas com total equilíbrio sentado e braço armado normal, com paraplegia do tipo T1/T9 ou tetraplegia incompleta com sequelas mínimas no braço armado e bom equilíbrio sentado.
- Classe 3 - Atletas com bom equilíbrio sentado, sem suporte de pernas e braço armado normal, como paraplégicos da T10 à L2. Atletas tanto com pequenos resquícios de amputação abaixo do joelho ou lesões incompletas abaixo da D10 ou deficiências comparáveis podem ser incluídos nesta classe, desde que as pernas ajudem na manutenção do equilíbrio sentado.
- Classe 4 - Atletas com um bom equilíbrio sentado e com suporte das extremidades superiores e braço armado normal, como lesões abaixo da C4 ou deficiências comparáveis.
- Limitações mínimas - Deficiência dos membros inferiores comparável a amputações abaixo do joelho. (CPB, acesso em: 25 jan. 2011)

A modalidade Paraolímpica Rugby em cadeira de rodas é bastante semelhante ao futebol americano, envolvendo contato físico. Devido às constantes colisões nas partidas, as equipes são constituídas de quatro jogadores e oito reservas de ambos os sexos. Tetraplégicos jogam juntos, e é um jogo que exige agilidade com a bola, capacidade de frear, acelerar e conduzir a cadeira de rodas. (CPB, acesso em: 25 jan. 2011).

Dependendo das habilidades funcionais os atletas distribuídos em sete classes que são: 0,5; 1,0; 1,5; 2,0; 2,5; 3,0 e 3,5, sendo que as classes superiores são reservadas com maior nível funcional maior e as inferiores são para os que possuem menor funcionalidade.

Os atletas são classificados com base nos seguintes testes:

- Teste de banco: teste muscular realizado em toda a extremidade da musculatura superior, além do exame do alcance do movimento, tônus e sensação.

- Teste funcional do tronco: é realizada uma avaliação do tronco e das extremidades inferiores em todos os planos e situações, que pode incluir um teste manual da musculatura do tronco
- Testes de movimentação funcional. (CPB, acesso em: 25 jan. 2011).

O tênis em cadeiras de rodas é uma modalidade esportiva na qual o paratleta, para poder competir, tem que ser diagnosticado com a deficiência relacionada à locomoção. (CPB, acesso em: 25 jan. 2011).

Esta modalidade está subdividida nas categorias masculinas e femininas, tetraplégicas e juniores (com idade máxima de 18 anos). A competição segue as regras da Federação Internacional de Tênis (ITF). (CPB, acesso em: 25 jan. 2011).

O remo é a mais nova modalidade esportiva a fazer parte das Paraolimpíadas, onde o equipamento é adaptado para a prática do esporte. A Federação Internacional de Remo (FISA) é quem administra a modalidade e no Brasil é a Confederação Brasileira de Remo (CBR).

O percurso para as corridas é de mil metros para as quatro categorias que são: Single Skiff Masculino, Single Skiff Feminino, Doublé Skiff Misto Quatro com Misto. (CPB, acesso em: 25 jan. 2011).

Participam atletas com diferentes tipos de deficiências, classificados de acordo com a capacidade funcional empregada:

- A – Grupamento funcional utilizado: braço.
- TA – Grupamento funcional utilizado: tronco e braço.
- LTA - Grupamento funcional utilizado: perna, tronco e braço. (CPB, acesso em: 25 jan. 2011).

Diante do exposto, pôde-se perceber que o paradesporto é considerado um agente de inclusão, idealizado pelo seu mentor, o neurologista Ludwig Guttmann que o considerava uma ferramenta para a recuperação das pessoas com deficiência.

Para isto, estudou e utilizou o gesto esportivo terapeuticamente, possibilitando a prática esportiva por pessoas com deficiência, adaptando-as às suas necessidades no processo de reabilitação.

Possibilitou com isto, uma nova forma de inclusão da pessoa com deficiência em nossa sociedade, bem como proporcionou o reconhecimento de suas capacidades e possibilidades plenas, oportunizando que estas pudessem demonstrar suas potencialidades.

Não deixando de lembrar que sua prática previne enfermidades e proporcionar a aceitação pessoal, levando a uma melhor qualidade de vida, pois promove independência e autonomia das pessoas com deficiência. Mas para tanto são necessários que cada vez mais sejam perseguidos objetivos e metodologias claros, locais adequados e acessibilidade a todos.

4 A MÍDIA E A PARAOLIMPÍADA

4.1 A VISIBILIDADE DA MÍDIA SOBRE A PARAOLIMPIADA

Este capítulo terá como foco averiguar como a mídia, especificamente em sua cobertura jornalística em revistas de circulação nacional evidenciou as Paraolimpíadas de Pequim 2008, e se houve, em algum momento da narrativa a menção de uma real ruptura dos paradigmas pré-existentes em relação à pessoa com deficiência e de que forma os resultados obtidos pelos paratletas são evidenciados ao público. Para tanto, destacaram-se reportagens seguintes revistas: *Veja*; *Isto É*; e *Época*, que circularam no período em que se deram as Paraolimpíadas no ano de 2008.

É inegável a grande influência da mídia sobre os comportamentos adotados pela sociedade moderna. Com isso, surge a discussão sobre o impacto dos meios de comunicação de massa sobre o sistema de saúde da população. Visando analisar parte dessa relação, alguns trabalhos têm estudado o papel da mídia na dinâmica dos serviços de saúde. (AKIRA; MARQUES, 2009, p. 1).

É incontestável a grande influência que a mídia exerce sobre os comportamentos adotados pelas sociedades humanas. Tendo em vista este aspecto, é de relevante importância que discutamos sobre os impactos que esta tem sobre a formação de opinião, entre os mais variados aspectos, e dentre eles, a situação da pessoa com deficiência.

Em seu livro *Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva*, Cláudia Werneck nos mostra que o preconceito de nossa atual sociedade, que muitas vezes nega que tal condição exista de fato, em relação à deficiência e ao deficiente, se mostra, em inúmeras situações, mas de forma discretas.

É de vital importância que a mídia assuma o papel de desmistificadora do arquétipo de incapacidade que está em nós imbuído quando discutimos a questão da deficiência, a mídia tem o poder de nos fazer refletir.

As sociedades historicamente procuravam armazenar, produzir e difundir informações pertinentes a cada período histórico inserido em seu contexto cultural. A mídia, importante um importante veículo, constituiu-se um mecanismo de poder, agindo na formação de opiniões, atitudes, valores, crenças, entre outros.

Para Pires (2009, p. 216): “A mídia é um dos principais interlocutores da sociedade contemporânea e que a partir dessa relação construímos coletivamente um conjunto de representações que intervém nas escolhas e decisões que tomamos no nosso cotidiano”.

À medida que estabelecemos relações com a mídia, somos influenciados em nosso comportamento, pois ao nos relacionarmos com nossos pares e o meio, elaboramos novos significados, formulando e desenvolvendo representações de si e do mundo.

Nas últimas décadas observa-se que as reportagens estão assumindo uma retórica de teatralização e de espetáculo da informação, a linguagem com representação verídica dos fatos passou a ter uma linguagem apelativa, distorcendo os fatos em função da abrangência de seu “ibope”, mergulhando no sensacionalismo.

Segundo Carlos Alberto Marques, em *Mídia e Deficiência: A Violência Estampada nas Páginas dos Jornais* há uma “[...] luta pela conquista de melhores índices de audiência através da exploração da imagem do desvio”. (p. 06).

Os discursos encontrados na informação paulatinamente foram sofrendo alterações no seu processo de construção inicial, que era o conhecimento e passou a focar os resultados e no que essas informações podem reconstruir e modificar, conceitos muitas vezes articulados por algum tipo sistema interessado em obter vantagens para benefício próprio.

Atualmente as informações e conteúdos encontrados na mídia assumem várias conotações, dependendo do foco e das necessidades que lhe são atribuídas, deixando a desejar quanto a não estar comprometido com o público, possibilitando interpretações e um reinterpretar dos fatos, assumindo diferentes significados.

A atualidade nos mostra que está ocorrendo uma fragmentação dos acontecimentos descontextualizados e fragmentados, oportunizando relatos imprecisos, omissão de fatos, situações e a manipulação da informação, confundindo e manipulando a opinião pública, sempre interessada em saber o que acontece ao seu redor.

A sociedade, a Paraolimpíada e a mídia possuem uma importante parceria, onde segundo Helal (2001, p, 151) “é um espaço privilegiado de produção de discursos sociais e dos espetáculos esportivos modernos como um dos emblemas

mais visíveis deste processo de “mídiação” dos eventos culturais”. (HELAL, 2001, p. 151).

A mídia no seu papel de informar esta paulatinamente transformando as Paraolimpíadas, que até as duas últimas décadas encontrava-se na mais total obscuridade, em um espetáculo esportivo, mas que ainda possui uma ínfima cobertura jornalística engatinhando para uma visibilidade mundial.

A cobertura midiática recente das Paraolimpíadas 2008 contou com muitos profissionais envolvidos na transmissão das competições, em diferentes modalidades paradesportivas, dando mais ênfase as que tinham a chances de conquista de medalhas.

Esta divulgação não muito expressiva, mas importante, levou ao conhecimento de milhares de pessoas o que é a Paraolimpíada e quem são os atores desse espetáculo. Muitas vezes de uma forma bastante equivocada, no que se refere à exploração da imagem da pessoa com deficiência, obtendo assim uma maior aceitação pública.

De acordo com Carlos Alberto Marques, para a sociedade o bom desempenho de deficientes se dá como uma compensação da deficiência:

[...] o sentido de que o sucesso alcançado por uma pessoa portadora de alguma deficiência se deve ao esforço por ela empreendido para compensar sua privação. O que se pôde apreender deste discurso é que as pessoas não portadoras de deficiência, quando bem sucedidas em seus empreendimentos, alcançariam o sucesso pelo talento ou pela inteligência; enquanto que os portadores de deficiência o teriam feito pela necessidade de compensar o “mal” que os aflige (MARQUES, 2001, p. 99).

Foi a divulgação das Paraolimpíadas pela mídia que motivou a participação nestas do atual recordista de medalhas Daniel Dias. A manchete da revista *Época* relata: *Até ver pela TV os Jogos de Atenas, Daniel nem sabia que existiam esportes paraolímpicos*. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

Daniel Dias e família precisaram de dezesseis anos para ter conhecimento sobre o esporte para pessoas com deficiência e sua importância para a qualidade de vida. O atleta teve quatro anos de preparação para tornar-se um dos mais conhecidos paratletas da atualidade, porém, só obteve reconhecimento ao participar das Paraolimpíadas de 2008.

Observamos que a visibilidade das paraolimpíadas pela TV, que talvez, seja o mais popular dos canais midiáticos, obteve alcance um pouco maior a partir

da paraolimpíada de 2004. Já a mídia impressa e *online* bem pouco abordaram o assunto. A reportagem de Margarida Telles (2008) na revista *Época*:

O atleta começou a nadar somente aos 16 anos. Seu pai, Paulo Dias, procurou a Associação Desportiva para Deficientes (ADD), em São Paulo, após ouvir uma palestra sobre inclusão social por meio do esporte. Depois de aprender todos os estilos da natação, o filho matriculou-se em uma academia de Bragança Paulista (REVISTA ÉPOCA, 2008).

Esta afirmativa corrobora com a realidade, a mídia pouco se preocupou até então, em destacar o paraesporte e/ou as Paraolimpíadas, e choca saber que Daniel e sua família, tiveram acesso às informações tardiamente, sobre os esportes Paraolímpicos. Questiona-se quantos outros ainda não o tem.

Seguem outras manchetes em diferentes revistas que também atestam a situação:

Paraolimpíadas podem ser a “redenção” brasileira, de Margarida Telles (2008), editada pela revista *Época* esta manchete mostra a frustração dos brasileiros, a péssima atuação dos atletas Olímpicos, aja visto que os mesmos não possuem deficiência alguma, têm grandes patrocínios, um comitê olímpico bastante estruturado, rico e mesmo assim não corresponderam as expectativas dos brasileiros. O foco da mídia neste momento passa para a Paraolimpíada representada pelos paratletas brasileiros. (REVISTA ÉPOCA, 2008)

Paraolimpíadas podem ser a “redenção” brasileira:

Depois do desempenho decepcionante da delegação olímpica em Pequim, o Brasil vai às Paraolimpíadas com vários favoritos ao ouro e boas chances de ficar entre os dez primeiros no quadro geral de medalhas. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

Para jornalista Margarete Telles: “Se no cenário olímpico ainda somos coadjuvantes, muitos dos nossos atletas com deficiência vão para a China com chances de ouro e deve superar o desempenho das Paraolimpíadas de Atenas 2004”. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

A referida autora, infelizmente, faz uso de comparações sem a devida contextualização do assunto, o que leva a acreditar que para a mídia, os péssimos resultados obtidos nas Olimpíadas devem ser descartados. Seu foco muda para o enaltecimento do atleta paraolímpico; os mesmos possuem condições de obterem resultados expressivos, se não ganha, se não for o primeiro, é desqualificado tanto a

modalidade esportiva como o atleta. Notoriamente para mídia o que não vence, não é notícia, não vende.

Estas manchetes fazem parte de uma única reportagem, percebemos que não há uma informação clara dos fatos, deixando o leitor sem entender o contexto, todo o cenário da informação

No entanto há reportagens que abordam outra perspectiva como a da Revista Época (2008), que mostra uma reportagem intitulada *“Todos saem ganhando: Deficientes e não deficientes se beneficiam com as novas tecnologias que os jogos proporcionam”*. Essa é única reportagem impressa com outro viés de informação; esta uma importante comparação no sentido de atribuir notoriedade a Paraolimpíada, comparando-a a Formula1, como sendo um laboratório de inovações, campo fértil para testes, tendo uso pratico para todas as pessoas. (ANEXO A)

Com esta reportagem, percebe-se que há a preocupação em desenvolver-se tecnologia voltada ao paradesporto. No entanto a mídia ainda peca por pouco divulgá-la. Uma única reportagem abordou este tema em 2008, ano das Paraolimpíadas; não houve outra tentativa de dar continuidade às informações sob um prisma que abordasse a questão da deficiência e suas problemáticas.

A reportagem da Revista Época (2008) abordou ainda outro viés, que foi o de nos mostrar as dificuldades por que passam nossos paratletas. Na reportagem intitulada: *“Sem patrocínio, atleta improvisa prótese”*, um dos medalhistas, Elton da Conceição Santana, com grandes chances de pódio, mesmo buscando em várias empresas, ficou sem patrocínio. Pra competir nas Paraolimpíadas de 2008, teve que improvisar uma prótese para poder competir. Na reportagem desabafa: *“Quem sabe se eu trazer o ouro, conseguirei um patrocinador e poderei finalmente aposentar a ‘Evelise’ (nome dado a prótese utilizada por ele desde os treze anos)”*. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

Sem patrocínio, atleta improvisa prótese

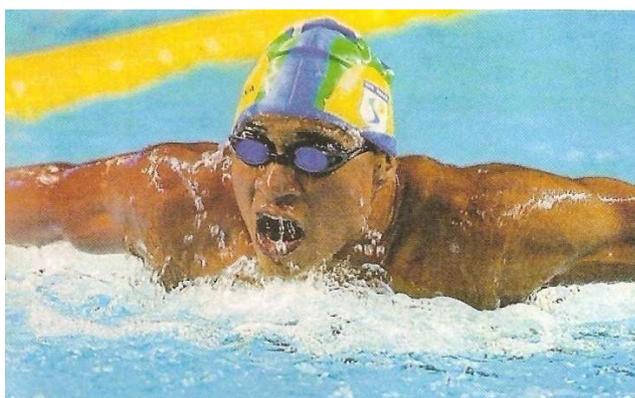
Um dos medalhistas foi Elton da Conceição Santana, de 25 anos. Mesmo com boas chances de ouro nas Paraolimpíadas, ele não obteve nenhum patrocínio e terá de improvisar para poder disputar a prova. Isso porque, embora sua modalidade não exija o movimento das pernas, é obrigatório o uso de próteses. Santana, que não possui parte da perna esquerda, buscou a ajuda de diversas empresas para comprar um equipamento novo, mas nenhuma quis bancá-lo. A saída foi apelar para um aparelho antigo, que ele ganhou aos 13 anos de idade. O problema é que a prótese, apelidada de Evelise por um amigo, é hoje muito pequena para seu corpo.

“Quem sabe se eu trazer o ouro, conseguirei um patrocinador e poderei finalmente aposentar a Evelise”. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

É imprescindível para o paratleta conseguir patrocínio, a existência de uma maior visibilidade da importância das práticas paradesportivas, das realizações dos paratletas, mas também de suas dificuldades. Infelizmente em nosso país, é necessário que primeiro este prove suas capacidades através das realizações, da quebra de recordes, para que depois obtenha patrocínio.

Fica claro que o patrocínio é oferecido ao paratleta apenas quando este pode proporcionar um retorno financeiro. Não existe uma cultura de investir nos paradesportos e muito menos quando desenvolvido nas categorias de base, talvez o momento mais importante para o paradesportista, não tanto no que se refere a sua chegada ao momento paraolímpico, mas sim o de valorização da pessoa com deficiência.

Na manchete da revista *Época* (2008) intitulada: *“Campeão punido: uma reavaliação médica transforma Clodoaldo Silva de ‘Phelps paraolímpico’ em apenas mais um”*. A reportagem evidencia os atletas paraolímpicos que fazem uso do paradesporto para enfrentar as dificuldades diárias considerando-os como exemplo de superação. Como é o caso do nadador Clodoaldo Silva que obteve o mesmo número de medalhas que o atleta olímpico Phelps, terá que realizar uma nova avaliação funcional, pois seus resultados eram bons demais. E desabafa: “Não posso pagar por chegar na frente dos meus adversários”. (ANEXO B).



Fonte: Revista *Época* (2008).

A mídia, muitas vezes, faz com que as pessoas tenham compaixão pelos paratletas, uma vez que, segundo a imprensa, eles são “símbolos de superação”. Pessoas com qualquer deficiência ou doença “devem ganhar não a solidariedade, mas o respeito e a confiança da mídia” (WERNECK, 2000).

Os atletas paraolímpicos, representantes dos demais deficientes, querem ser olhados e reconhecidos como seres humanos. A população e a mídia têm que tratá-los como qualquer cidadão, ciente de seus direitos e deveres, e que muitas vezes ainda estão lutando pelo simples direito de ir e vir.

Na Revista *Época* (2008), uma única reportagem com a manchete: *“Potência inesperada: uma aplicação eficiente de recursos”*, explica os bons resultados do Brasil nos jogos em Pequim. A mesma aborda a questão dos recursos recebidos pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro da Caixa Econômica Federal e da lei de incentivo fiscal ao esporte. (ANEXO C)

No entanto a reportagem não vem de encontro às informações anteriormente apresentadas, quanto às dificuldades de obter-se patrocínio. Parece que as informações contidas nas reportagens são fruto de uma interpretação errônea por parte da mídia ou ainda uma total falta de conhecimento da temática, o que acarreta um grave problema, que é levar ao conhecimento do público informações que são previamente contratadas ou ainda pior, um desconhecimento sobre a realidade do tema.

Como se já não bastasse à reportagem ainda atribuem os bons resultados dos paratletas brasileiros ao fato de que os “outros países conferem menor importância aos seus paratletas”. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

A reportagem supracitada abordou vários assuntos importantes e com enfoque diferente que poderiam ser amplamente contextualizado pela mídia. Em uma única manchete os temas foram redigidos de forma superficial, entendimento errôneo sobre a temática.

Em outra reportagem feita por Isadora Pamplona, intitulada: “País bate recorde de medalhas”, a autora procura sempre enumerar os feitos conquistados pelos paratletas, a superação dos mesmos, e a colocação do Brasil no quadro de medalhas. Observa-se que a jornalista só preocupou-se em abordar as conquistas, em momento algum a história, a problemática do dia a dia do paratleta foi destacado, a não ser o seu resultado: a conquista de medalhas (REVISTA VEJA, 2008).

Com que foi até agora exposto, podemos constatar que paulatinamente a mídia vem abrindo espaço para a divulgação das Paraolimpíadas e outros eventos ligados ao paradesporto. Mas ainda peca em talvez não cumprir seu papel de maior relevância, que é o de ser uma ferramenta para o debate, fazendo com que a

sociedade comece a ter acesso a informações que possam levar a uma cultura de transformação.

4.2 A MÍDIA E O PARATLETA

Com a mídia, a cada Paraolimpíada surge então um herói; com suas manchetes, a mídia vai construindo a imagem do paratleta, mas é importante elucidar que, apesar desta abordagem, sensacionalista, que tenta levar o paratleta ao Olímpio, o preconceito ainda existe, veladamente, em diferentes formas e intensidades. Esta seria a abordagem mais importante de todas as formas midiáticas, à condução de uma forma diferente de interpretar a condição da pessoa com deficiência. Historicamente à pessoa com deficiência sempre foi destinado o posto de humilhação, do ridículo. (AMARAL, 1995).

Ao longo dos anos, paulatinamente, essa imagem vem sendo focada sob um novo olhar e isso se deu através das conquistas dos paratletas, que, através de modelos de superação, vão modificando e lançando um novo prisma sobre a questão da deficiência.

É neste novo cenário midiático que a pessoa com deficiência vem cada vez mais se fortalecendo, mas para que realmente seja valorizado e respeitado, precisa mostrar a todos e provar a todo o momento que é capaz. Os paratletas, através de suas conquistas, representam esse grupo, e neste quadro, paulatinamente, vem cumprindo uma missão ainda muito difícil, a de desmitificar socialmente os rótulos que são impingidos às pessoas com deficiência.

Ao participarem de Paraolimpíadas, os paratletas tornam-se um veículo que assume o papel de mostraram ao mundo que a pessoa com deficiência pode superar suas dificuldades.

Nesta perspectiva observamos a identidade social real, que, segundo Goffman (1988), os atributos aqui são comprovados, ou seja, os atletas provaram na prática suas qualidades, qualificações, o nível de desempenho independente da aparência e das limitações.

Esse preconceito é segundo Amaral (1995, p 120) “uma atitude favorável ou desfavorável, positiva ou negativa, anterior a qualquer conhecimento”. Poderíamos dizer que o preconceito está atrelado, quase sempre, a uma atitude de piedade, resultante de uma falta de entendimento e compreensão, que motiva uma

leitura distorcida da deficiência e conseqüentemente promove atitudes preconceituosas.

Então, qual é o real papel da mídia para amenizar essa problemática social?

A mídia em suas reportagens vem criando o mito, o herói, promovendo a visibilidade daqueles que alcançam méritos, mas não dão a devida importância à questão do preconceito e demais problemáticas que assolam a pessoa com deficiências físicas ou intelectuais.

A seguir, serão apresentadas diversas manchetes divulgadas pela revista Época (2008), no período em que aconteceram as Paraolimpíadas de Pequim. Elas enfocam as principais conquistas dos atletas brasileiros, no entanto observa-se que em todas as manchetes foram enfatizados, quase que exclusivamente, os resultados, os melhores desempenhos e tempos obtidos nas provas, medalhas conquistadas os méritos.

✚ “Outra estrela da natação paraolímpica brasileira é a paulista Fabiana Sugimori. Aos 27 anos, ela estreou nos Jogos em Atlanta-1996. É a atual bicampeã nos 50m livre e detém o recorde mundial da prova. Sobre as expectativas de Pequim, Fabiana prefere ser cautelosa. ‘É uma prova de velocidade. Às vezes uma batida de mão é decisiva’”. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

✚ “André Brasil é prata nos 200m medley. Após dois ouros, brasileiro sobe ao segundo lugar do pódio no Cubo d'Água. Desta vez André Brasil não conseguiu garantir a medalha de ouro, mas levou a prata na final dos 200m medley da categoria S10, realizada nesta quinta-feira no Cubo d'Água, em Pequim. O nadador brasileiro, que já faturou dois ouros nestes Jogos Paraolímpicos, completou o percurso em 2m14s20.” (REVISTA ÉPOCA, 2008).

✚ “As Até a metade da prova, André Brasil estava na liderança. Entretanto, no peito, seu nado mais fraco, acabou caindo para a terceira colocação. Nos últimos 50m de prova, o brasileiro apertou as braçadas e conseguiu bater em segundo lugar. - ‘Eu diminuí em quatro segundos a minha marca e pude trazer mais uma medalha para o Brasil. Sei que ainda

tenho muito que melhorar no peito, então é continuar trabalhando' disse em entrevista ao Sport TV". (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 André já havia conquistado duas medalhas de ouro em Pequim nas finais dos 100m borboleta e 100m livre. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 "Odair Santos conquista seu segundo bronze nos Jogos Paraolímpicos. Brasileiro repete resultado de Atenas e chega em terceiro na prova dos 5000m T13 para deficientes visuais. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 Depois de chegar em terceiro na final dos 800m, o brasileiro Odair Santos conquistou sua segunda medalha de bronze nos Jogos Paraolímpicos de Pequim, garantindo a terceira colocação na prova dos 5.000m para deficientes visuais (T13), com o tempo de 14m53s35. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 Odair já havia conquistado bronze nessa mesma prova, quatro anos antes, nas Paraolimpíadas de Atenas. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 "Odair Santos conquista seu segundo bronze nos jogos Paraolímpicos. Brasileiro repete resultado de Atenas e chega em terceiro na prova dos 5000 m T13 para deficiente visual."(REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 "Dirceu e Eliseu estão na final da bocha: Dupla brasileira vence jogo difícil contra a dupla tcheca Ladislav Kratina e Radek Prochazka. Foi emocionante. A dupla brasileira Dirceu Lopes e Eliseu Santos garantiu pelo menos a prata da bocha nos Jogos Paraolímpicos ao vencer na semifinal os tchecos Ladislav Kratina e Radek Prochazka por 4 a 1." (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 "Depois de chegar em terceiro na final dos 800m, o brasileiro Odair Santos conquistou sua segunda medalha de bronze nos Jogos Paraolímpicos de Pequim, garantindo a terceira colocação na prova dos 5.000m para deficientes visuais (T13), com o tempo de 14m53s35. Odair já havia conquistado bronze nessa mesma prova, quatro anos antes, nas Paraolimpíadas de Atenas." (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 A final será contra os portugueses Fernando Pereira e Bruno Valentim, que ganharam da dupla espanhola por 6 a 4. E comenta: "Vai ser o jogo mais difícil até agora. Eles vêm com tudo para cima da gente. Vamos ter que fazer um jogo fechado, sempre tentando colar na branca. Vamos torcer

para o emocional deles não estar bom, eles costumam brigar entre eles e começam a errar muito – conta Dirceu Lopes”. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇮🇵 “Com mais duas medalhas de ouro no atletismo, Brasil chegou a 15 e quebrou marca histórica: No penúltimo dia dos Jogos de Pequim, a delegação verde-amarela fez história. Com os ouros conquistados por Terezinha Guilhermina e Lucas Prado no atletismo, o Brasil bateu o recorde de medalhas douradas conquistadas em uma única edição das Paraolimpíadas: 15. E a coleção ainda pode aumentar na despedida da competição, já que a equipe brasuca de futebol de cinco se classificou para a decisão contra a China”. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇮🇵 “Favorita ao ouro nos 100 rasos, Terezinha Guilhermino não conseguiu superar a chinesa Chunmiao Wu na final da prova. Nesta terça-feira, a atleta sentiu o gostinho da vingança: desbancou a rival e garantiu a medalha dourada nos 200m. Tão emocionado quanto ela, estava o seu guia, Chocolate, que exaltou a superação dos dois na caminhada rumo ao lugar mais alto do pódio”. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇮🇵 “E, para fechar com chave de ouro, nada melhor do que um novo show de um dos grandes nomes do Brasil nestes Jogos. Campeão nos 100m e nos 200m rasos, Lucas Prado escreveu seu nome na história ao garantir seu terceiro ouro, desta vez nos 400m, e levar o país a ouvir seu hino pela 15ª vez no pódio de Pequim”. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇮🇵 “Futebol de sete: O time brasileiro de futebol de sete também sonhava sair de Pequim com um lugar no pódio, mas foi atropelado por um furacão chamado Abdolreza Karimzadeh. O iraniano marcou três gols e ajudou sua seleção a vencer a equipe verde-amarela por quatro a zero. Assim, o sonho “brasuca” de superar a prata conquistada em Atenas fica adiado por mais quatro anos, para Londres-2012”. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇮🇵 “Basquete: A seleção brasileira de basquete para cadeirantes recuperou o bom basquete que apresentou no primeiro jogo das Paraolimpíadas e venceu a disputa pelo 9º lugar contra a África do Sul por 68 a 46. Como o Irã foi desqualificado da competição por ter se recusado a entrar em quadra para enfrentar os EUA pelas quartas de final, o Brasil ficou em oitavo lugar na classificação geral, o melhor desempenho do país na história da modalidade.” (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 “No último dia de competições em Pequim, a seleção brasileira de futebol de cinco venceu a China por 2 a 1, de virada, e conquistou a 16ª medalha de ouro do Brasil nas Paraolimpíadas, garantindo ao país o nono lugar em Pequim, sua melhor colocação na história dos Jogos. A China, com 89 ouros, ficou em primeiro lugar no quadro de medalhas. O Reino Unido ficou em segundo, com 42 primeiros lugares.” (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 “Brasil bate recorde de medalhas em Pequim. A delegação brasileira fez história em Pequim no penúltimo dia das Paraolimpíadas. Com mais duas medalhas de ouro – uma de Lucas Prado (à esq., ao lado do guia) nos 400m rasos – a delegação do país chegou a 15 e quebrou o recorde de primeiros lugares em uma edição dos Jogos. Nesta madrugada, o Brasil ainda disputa a final do futebol de cinco”. (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 “André Brasil vence 400 m livre com recorde. O nadador André Brasil dominou a prova dos 400 m livre (classe S10) desde o início e conquistou a medalha de ouro com o tempo de 4m05s84, novo recorde paraolímpico da prova. O brasileiro comemorou a conquista, mas disse que poderia ter feito um tempo melhor.” (REVISTA ÉPOCA, 2008).

🇧🇷 “Brasil conquista ouro inédito na bocha. Dirceu Pinto e Eliseu Santos (foto), da classe BC4, conquistaram uma inédita medalha de ouro para o Brasil na prova de duplas da bocha das Paraolimpíadas. O nadador Daniel Dias foi prata nos 100m peito (SB4) e garantiu sua sétima medalha na China.” (REVISTA ÉPOCA, 2008).

Todas as manchetes focam sempre os resultados, valorizando as habilidades dos paratleta, e é isto o que permanece na memória dos telespectadores e leitores, identificando ideais a serem seguidos, como muito bem expressa na foto a seguir:



Fonte: Revista Isto É, (2008).

E os demais paratletas, os que não conseguiram chegar a uma Paraolimpíada, seja por falta de recursos financeiros ou humanos ao longo dos anos, seja por não ter acesso a uma escola de base, seja pelo desconhecimento de seus direitos? Estes sequer são mencionados.

A mídia em suas narrativas informa a todos as grandes realizações, mas que representam apenas uma das categorias dos deficientes, as que tiveram a oportunidade de se destacar através de suas habilidades.

Sendo assim, estes representantes vivem e convivem num mundo que segundo Goffman (1988) os mesmos são “heróis e vilões de sua própria espécie, onde sua relação com esse mundo sublinhada por pessoas próximas, normais ou não que lhes trazem notícias do desempenho de indivíduos de sua categoria.

Goffman continua, exemplificando muito bem este fato quando advoga:

Ao fazer de seu estigma uma profissão os líderes “nativos” são obrigados a lidar com representações de outras categorias, descobrindo, assim, que estão rompendo o círculo fechado dos seus iguais. Em vez de se apoiar em suas muletas, utilizam-nas para jogar golfe, deixando de ser, em termos de participação social, os agentes das pessoas que eles representam. (GOFFMAN, 1988, p. 36).

Porém, não podemos deixar de evidenciar a repercussão dos jogos paraolímpicos, pois através deles que os paratletas podem mostrar evidenciar as habilidades e condições da pessoa com deficiência, provando que ser deficiente não quer dizer ser doente, que possuem limitações físicas, cognitivas e sensoriais, mas que também podem construir um diário de sucesso, resultante de experiências e do convívio em sociedade.

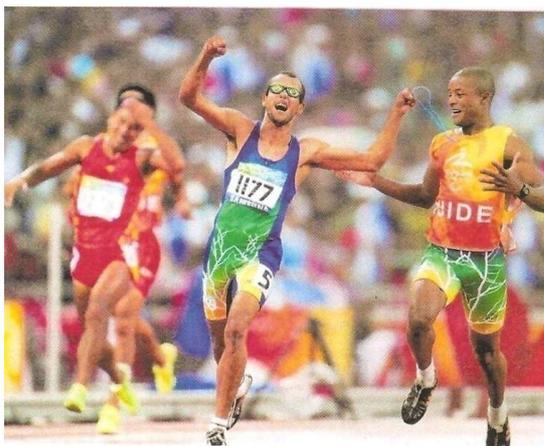
Afirma à manchete da Revista Isto É (2008, p. 70): “*Atletas excepcionais: por que só na paraolimpíada aconteceu a chuva de medalhas que o Brasil esperava*”. Pela primeira vez o hino nacional foi tocado várias vezes nos ginásios de Pequim, devido aos excelentes resultados dos paratletas, que até então eram anônimos, deficientes, que através do paradesporto e determinação fizeram um grande espetáculo. Contrariando as expectativas que até então estavam voltadas para os atletas Olímpicos. (REVISTA ISTO É, 2008, p. 70).

Nesta reportagem, como em quaisquer outras reportagens, a ênfase maior é dada às conquistas dos atletas sempre vinculadas ao que melhor se apresenta nas competições, que é o caso do Daniel Dias, paratleta que obteve notoriedade da mídia e de tantos outros apaixonados pelo esporte. (REVISTA ISTO É, 2008, p. 70).

A mídia em suas reportagens o seu principal viés é a construção de heróis, modelos que se perpetua na declaração de Daniel Dias: “*Espero servir de incentivo a outros atletas com deficiência*”. Nesta declaração fica bem explícito que o paratleta está ciente da importância de suas conquistas e que poderá servir de modelo a ser seguido pelas pessoas com deficiência rumo ao reconhecimento das mesmas na sociedade. Para perpetuar este paratleta a mídia o apelida de “*golden boy*” (menino de ouro). (REVISTA ISTO É, 2008, p. 70).

Observamos na reportagem da Revista Isto É (2008, p. 70) na manchete: “*Superação, Lucas Prado: Vibração ao vencer a prova dos 100m rasos*”. A palavra superação usada pela mídia é colocada a gerar uma comoção, onde o preconceito encontra-se velado entre a piedade e a admiração representada pelos paratletas. Prova disso é a afirmativa: Lucas Prado, como sendo o mais rápido corredor do mundo, e não deixa de fazer comparações com os atletas Olímpicos em relação ao número de medalhas. (REVISTA ISTO É, 2008, p. 70).

Respondendo ao questionamento: “o que levou os atletas paraolímpicos a conseguir resultados tão superiores à delegação olímpica brasileira? Em resposta André Carvalho (treinador de nadadores da Associação para Integração Esportiva de Deficiente Físico) o mesmo atribui ao fato de que o governo federal e outros patrocinadores liberarem mais recursos financeiros e em contra partida o ministro dos esportes todo esse sucesso a superação dos paratletas, que segundo ele é a principal qualidade dos mesmos. A foto de Lucas Prado representa bem o momento este momento que é único na vida de um paratleta. (REVISTA ISTO É, 2008, p. 70).



Fonte: Revista Isto É (2008, p. 70).

A matéria da Revista Isto É (2008) além de abordar superficialmente várias temáticas com viés tradicional centrado em um modelo médico, na forma de representar em seus conteúdos de forma sucinta a deficiência e/ou a pessoa com deficiência. (REVISTA ISTO É, 2008, p. 70).

Como é possível resumir em uma única reportagem a cobertura de um evento com tanta representatividade como é a Paraolimpíada, um assunto tão importante, aja visto que a mídia é um importante veículo de informação sendo também responsável pela construção de identidades sociais e culturais.

Outra revista também importante no cenário nacional é a revista Veja (2008) em sua cobertura das Paraolimpíadas, também não abriu um espaço maior para comentar sobre este evento, resumiu sua participação com pequenas notas perdidas e sem continuidade, com um mínimo de aprofundamento sobre a temática.

A primeira tem como manchete: “*Após exame, Clodoaldo muda de classe.*”, comenta sobre a reclassificação, mudança de classe, teste de avaliação funcional determinado pelo Comitê Paraolímpico Internacional (IPC) do nadador brasileiro Clodoaldo Silva nas Paraolimpíadas de Atenas 2004, foi apontado o melhor paratleta do evento, conquistando seis medalhas de ouro, quatro de prata. Estes resultados para a Paraolimpíada de Pequim, uma nova reclassificação o coloca em uma classe mais competitiva. (REVISTA VEJA, 2008).

Ou seja, aborda os assuntos complexos de uma forma bastante restrita e sem continuidade, incumbindo ao leitor a tarefa de decodificar as informações.



Fonte: Revista Veja (2008)

Outra manchete “Daniel Dias Fatura sua segunda medalha de ouro” o discurso é sobre as conquistas e os méritos do nadador brasileiro que ganhou a sua segunda medalha de ouro nos jogos, vencendo a final dos 50 metros nado de costas na categoria. A foto mostra a expressão de euforia e contentamento de mais um obstáculo vencido. E vem ganhando visibilidade pelas suas realizações. (REVISTA VEJA, 2008)

Na manchete: “Paraolimpíadas de OSCAR PISTORIUS, OURO NOS 100 m, (09/09/08), comenta os feitos do nadador sul-africano, estrela do atletismo da Paraolimpíada, que se tornou conhecido por querer participar das Olimpíadas de Pequim. Porém, seus resultados não garantiram uma vaga declarando:” Confio em conseguir outros dois ouros e não me esqueço de Londres 2012”. E a reportagem termina com o relato sobre a amputação do paratleta aos 11 meses de vida e que o auxílio de varias próteses, com trocas a cada nove meses aprendeu a andar e a correr, tornando-se hoje paratleta. (REVISTA VEJA, 2008)

Há também que destacar: “*Brasil termina a competição com 9ª colocação*”, sobre o encerramento da participação brasileira que conquistou 9ª colocação no quadro de medalhas, conquistando um excelente desempenho com 40 pódios, superando as paraolimpíadas anteriores. Reforçou a soberania da China com 211 pódios. (REVISTA VEJA, 2008)

Por fim, temos a manchete que denuncia o “Primeiro doping ma Paraolimpíada”, usado pelo levantador de peso paquistanês Naveed Ahmed Butt,

mesmo classificado não poderá participar das Paraolimpíadas de Pequim, cabe recurso do mesmo, (REVISTA VEJA, 2008). A foto representa bem o resultado da utilização dos anabolizantes. (REVISTA VEJA, 2008)



Fonte: Revista Veja (2008).

Depois de todas as colocações, percebemos ainda preconceito faz parte do cotidiano de muitas pessoas, especialmente aquelas que trazem no corpo as marcas da deficiência. A pessoa estigmatizada em nossa sociedade ainda é considerada uma ameaça, um possível transmissor de doenças, alguém que devemos evitar.

Observamos que a sociedade estabelece padrões que julga importante, determinando como e quando a pessoa pode pertencer ao grupo, criamos modelos sociais muitas vezes, não correspondem à realidade, mais sim como sugere Goffman (1988) “pertencer a uma identidade virtual”, que habita o imaginário das pessoas.

Segundo Ligia Assumpção Amaral o preconceito referente à deficiência:

[...] pode estar lastreado na aversão ao diferente, ao mutilado, ao deficiente – os estereótipos daí advindos serão: o deficiente é mau, é vilão, é asqueroso... Ou o preconceito pode ser baseado em atitude de caráter comiserativo, de pena, de piedade: o deficiente é vítima, é sofredor, é prisioneiro... e assim por diante. (AMARAL, 1995, p. 120).

Esta afirmativa nos faz pensar que mesmo estando no atual século, ainda encontramos situações gritantes de preconceito e discriminação, criando situações de constrangimento e desprezo. Estas atitudes corroboram para que muitas famílias deixem seus filhos em casa, protegendo-os das agruras do convívio social.

Nesta perspectiva, a pouca visibilidade na cobertura das paraolimpíadas por parte da imprensa, não deixou de cumprir o seu papel de informar. É um momento importantíssimo no sentido de iniciar o processo de desmistificação da pessoa com deficiência, pois a mídia ainda possui uma tendência ao divulgar o desempenho dos paratletas tendenciosamente no modelo médico.

5 CONCLUSÃO

A problemática deste trabalho baseou-se na análise do papel da mídia na valorização (ou não) da imagem da pessoa com deficiência. Para proceder à análise, foi focado apenas um dos veículos midiáticos, reportagens de revistas de circulação nacional, mais especificamente: Veja; Isto É; e Época.

Na última década observamos um pequeno, mas cada vez mais significativo espaço reservado ao tema referente à pessoa com deficiência, fazendo com que, paulatinamente, a real aceitação destes comece a tornar-se um fato concreto.

Uma das ferramentas que vem incentivando esta aceitação é a crescente atenção dada aos jogos paradesportivos e seus paratletas, que de quatro em quatro anos culminam com um espetáculo cada vez mais conhecido por todos: a Paraolimpíada.

A Paraolimpíada é um evento que reúne milhares de espectadores e telespectadores; conta com a transmissão de boa parte das modalidades esportivas em tempo real, o que tem colaborado, de forma irrefutável no processo de aceitação da pessoa com deficiência, representado aqui pelos paratletas, mostrando que estas pessoas possuem desenvoltura e autonomia; e ainda mais, que alcançam patamares físicos e psicológicos muitas vezes superiores aos da maioria das pessoas não deficientes.

A pesquisa deste trabalho revelou que a mídia, na sua ânsia de informar, na busca do “furo de reportagem”, muitas vezes faz uso de manchetes, ainda que discretamente, com um viés preconceituoso, na medida em que foca apenas resultados, direcionando a informação para a exaltação, utilizando-se para isto de palavras impactantes para descrever os resultados, as realizações dos atletas paraolímpicos.

Na cobertura das Paraolimpíadas as revistas analisadas ainda mantêm em seu discurso um viés de preconceito, aliado à ideia de supervalorizar principalmente os que mais se destacam pelas suas conquistas.

A preocupação única com este perspectiva tem deixado de lado questões mais significantes, como por exemplo, o debate, por toda a sociedade sobre o dia a dia da pessoa com deficiência, a discriminação sofrida, a falta de acesso à

cidadania, o descumprimento de seus direitos por parte do poder público, entre tantas outras

Observamos em muitos depoimentos dos paratletas, pois acreditam ser possível, que a sociedade passe a vê-los como qualquer outra pessoa, com qualidades e defeitos independentemente da sua condição de deficiência.

Mas para que isso possa acontecer na prática, se faz necessário, primeiramente, um novo olhar dos profissionais da área jornalística; mas para tanto é importante que estes aprendam a conhecer e a entender as pessoas com deficiência.

Faz-se necessário também desmistificar a ideia de mito, onde o paratleta, através dos seus feitos, mostra-se como figura-se inatingível, um deus, significando que poucos podem atingir patamares tão altos, o que não é verdade. Não são poucos que podem fazê-lo, mas sim, muito que falta na realidade é oferecer condições para que outros tantos também possam chegar lá.

Outra questão em que a mídia também peca é a forma de abordagem deste mito que “deve servir de exemplo” para os demais; o que a mídia vem apregoando é que o desempenho favorável do paratletas é a compensação da deficiência, um valor completamente equivocado.

Nesta perspectiva, a mídia tem um importante papel, que é o de proporcionar conhecimento para a sociedade, mas que para isso aconteça de uma forma produtiva se faz necessário, repensar-se, ainda nas cadeiras universitárias, a visão sobre a pessoa com deficiência, acabar com os estereótipos. E juntamente a isto a mídia deve repensar a sua postura de mistificação da imagem de uma corpo perfeito, saudável, próprio sociedade capitalista.

Se faz mister que a mídia analise sua imensa influência no pensar e agir da sociedade. Vivarta (2003) nos esclarece que o debate em relação à inclusão de pessoas com deficiência é um tema muito pouco explorado pelos meios de comunicação, como também alerta sobre a falta de conhecimento por parte dos jornalistas acerca do assunto.

E, para Amaral (1995), este importante meio de comunicação poderia ser uma valiosa ferramenta no que tange à desmistificação da deficiência, contextualizando os conceitos já consolidados, ressignificando-os.

A sociedade brasileira continua sem a (in)formação essencial para que possa acreditar,desmistificar a deficiência e aceitar a pessoa com deficiência como cidadão com direitos e deveres na vida social.

De acordo com Ana Maria Morales Crespo (2006), a mídia, quando se reporta a um acontecimento, não é somente uma reprodutora de informações, mas, sobretudo, uma produtora de sentidos, já que a mídia não se caracteriza como lugar de passagem, mas de construção simbólica dos acontecimentos.

Nesta perspectiva, acrescenta-se que não há objetividade jornalística, como pregam muitos autores, pois a produção de uma notícia é uma atividade simbólica, realizada por um indivíduo social, que mobiliza estratégias próprias para estabelecer seu modo de dizer e produzir sentidos.

Continua dizendo que a importância do jornalista no papel de desmistificador da deficiência é fundamental, já que ele tem “nas mãos” um forte instrumento no combate ao preconceito, podendo levar os cidadãos a adquirirem uma nova postura diante das pessoas com deficiência: “Nem coitadinho, nem super-herói. Apenas uma pessoa comum, com potencialidade de desenvolvimento e algumas dificuldades específicas”. (CRESPO, 2006).

REFERÊNCIAS

ABRANTE, Gustavo Maciel; LUZ, Luiz Marcelo Ribeiro da. **Natação paraolímpica**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

AKIRA, Francisco; MARQUES, André Coelho. O papel da mídia nos serviços de saúde. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, vol.55, nº. 3, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42302009000300010&script=sci_arttext>.

AMARAL, Ligia Assumpção. **Conhecendo a Deficiência**: em companhia com Hércules. São Paulo: Robe, 1995.

ARAUJO, P. F. de. **Desporto adaptado no Brasil**: origem, institucionalização e atualidade. Brasília, DF: Ministério da Educação e dos Desportos / INDESP, 1998.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 1988.

_____. Ministério da Educação. Lei de diretrizes e bases da educação. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 1996.

_____. Ministério da Educação. Caderno texto do curso de capacitação de professores multiplicadores em educação física adaptada/ Secretaria de Educação especial – Brasília, DF: MEC; SEESP, 2002.

_____. Organização Mundial da Saúde. Brasil, um país com pessoas deficientes. Censo 2000/IBGE. Brasília, DF. 2000. Disponível em: <<http://www.sintrajufe.org.br/Previdencia/artigos-12.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2010.

_____. Lei nº 9.394/96. De 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: SEE, 1996. Disponível em: <<http://www.rebidia.org.br/seesp/dadps.html>>. Acesso em: 30 abr. 2010.

_____. Constituição Federal do Brasil. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1989.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação**: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2005.

CAMPEÃO, Márcia da Silva; OLIVEIRA, Ronaldo Gonçalves de. **Bocha paraolímpica**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

CARRAVETTA, Elio Salvador. **O esporte Olímpico**: um novo paradigma de relações sociais e pedagógicas. Porto Alegre: Universidade / UFRS, 1997.

CASTELLI, Dorvair Paschoal; FONTES, Marcio Sergio. **Futebol paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física.** Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

CASTRO. Sérgio José de. **Dicotomia Paraolímpica.** Disponível em <<http://www.webartigos.com>>. Acesso em: 16 jan. 2011.

CONDE, Antonio João Menescal. **Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física.** Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

CRESPO, Ana Maria Morales. **Inclusão social: pessoas com deficiência e a construção da cidadania.** São Paulo: [S.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.artsbrasil.org.br>>. Acesso em: 21 abr. 2006.

GIL. Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação do Rio de Janeiro.** 4. ed. [S.l.]: Guanabara, 1988.

GORGATTI, Márcia; COSTA, Roberto Fernandes (Org.). **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais.** 2. ed. rev. e ampl. Barueri: Manole, 2008.

GUIMARÃES, Hélio. **Em torno dos Jogos Olímpicos.** Mídia e Olimpíadas, São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq051020007.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2011.

HELAL, Ronaldo; SOARES; Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.** Rio de Janeiro: Mauad, 2001. International Paralympic Committee (IPC). Disponível em: <<http://www.paralympic.org/index.html>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

TELLES, Margarida. **Paraolimpíadas podem ser a “redenção” brasileira.** 2008. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI11746-15260,00.html>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

MARQUES, Carlos Alberto. **A imagem da alteridade na mídia.** 2001. 248 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MENDES, E. G. **Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil.** Escola Inclusiva / Organizado por Marina Silva Palhares, Simone Cristina Martins – São Carlos: Ufscar, 2002.

MOURA, L. C. M. de. **A deficiência nossa de cada dia: de coitado a super-herói.** São Paulo: Iglu.1992.

NAKASHIMA, Alice Hitomi Suzuque; NAKASHIMA, Celso Toschimi. **Tênis de mesa paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

PAMPLONA, Isadora. **Pais bate recorde de medalhas**. 2008. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/noticia/brasil/pais-bate-recorde-medalhas>>.

REVISTA ÉPOCA. **A Origem dos Jogos no Brasil**. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/especiais/2004/paraolimpi/brasil.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

_____. **Campeão punido**: uma avaliação médica transforma Clodoaldo Silva de Phelps paraolímpico em apenas mais um. Nº 538, set 2008.

_____. **Todos saem ganhando**: deficientes e não-deficientes se beneficiam com os avanços tecnológicos que os jogos proporcionam. Nº 540, set 2008.

_____. **Potencia inesperada**: uma aplicação eiciente explica os bons resultados do Brasil nos jogos de Pequim. Nº 539, set 2008.

REVISTA ISTO É. **Atletas Excepcionais**: Porque só na Paraolimpíada aconteceu a chuva de medalhas que o Brasil esperava. Nº 2028, set 2008.

REVISTA VEJA. **Após exame, Clodoaldo muda de classe**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/variedade/arquivo.shtml?ixc=2650p>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

PIRES, Giovani De Lorenzi. (Org.). **“Observando” o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.

SASSAKI, Romeu. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro, WVA 1997.

SILVA, R.F; JUNIOR, L.S; ARAUJO, P.F. **Educação Física Adaptada no Brasil**: da historia à inclusão educacional. São Paulo: Phorte, 2008.

TEIXEIRA, Ana Maria Fonseca. **Basquetebol em cadeira de rodas**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

VIEIRA, Carmelino de Souza; SOUZA JÚNIOR, Walter Russo de. **Judô paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

VERÍSSIMO, Amaury Wagner; RAVACHE, Rosicler. **Atletismo paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

VIVARTA, Veet. **Mídia e deficiência**. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003. (Série Diversidade).

ANEXOS

ANEXO A – TODOS SAEM GANHANDO

SOCIEDADE PARAOLIMPIADAS

Todos saem ganhando

Deficientes e não-deficientes se beneficiam com os avanços tecnológicos que os Jogos proporcionam



Mais que um passatempo de milionários, a Fórmula 1 é um campo de provas em que foram testadas muitas inovações aplicadas depois aos carros de passeio. Da mesma forma, os Jogos Paraolímpicos – encerrados na semana passada em Pequim – se tornaram um laboratório de novidades que depois têm uso prático para deficientes em geral, e mesmo não-deficientes.

O exemplo mais conhecido são as próteses que substituem pés e pernas. O sul-africano Oscar Pistorius – famoso pela tentativa frustrada de competir contra não-amputados nos Jogos Olímpicos do mês passado – conseguiu em Pequim tempos excepcionais graças a próteses ultramodernas. Venceu três provas: os 100 metros em 11s17, os 200 metros em 21s67 e os 400 metros em 47s49. Os recordes para não-amputados nessas provas, hoje, são 9s69, 19s30 e 43s18. Batizadas Cheetah – nome em inglês da chita, veloz felino do sul da África –, as próteses em forma de jota “imitam” a reação do pé e do tornozelo humanos, absorvendo e liberando a energia gerada pelo impacto com o solo a cada passada. O sucesso da Cheetah nos Jogos Paraolímpicos é equivalente ao do maiô inteiriço LZR, da Speedo, na natação olímpica: quase todos os velocistas de ponta usam a prótese.



RECORDISTA
Pistorius na final dos 400 metros para amputados nas Paraolimpiadas. Seu tempo o aproxima dos não-amputados

Nas provas para os atletas conhecidos como “cadeirantes”, túneis de vento e bonecos de crash test têm sido usados para desenvolver cadeiras de rodas aerodinâmicas, para determinar qual a posição ideal para o usuário, qual a melhor forma de acionar a cadeira e até o tipo de luva mais prático. Estudantes de Engenharia da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, desenharam as cadeiras usadas por 30 atletas paraolímpicos americanos.

O atletismo não é o único esporte paraolímpico em que surgem avanços benéficos para pessoas com necessidades especiais. Na vela, tetraplégicos (pessoas com paralisia nos quatro membros) são capazes de velejar graças a uma cadeira especial, de fibra de carbono, que permite passar de um lado do barco para o outro. Algumas novidades pesquisadas para os atletas paraolímpicos são úteis também para esportistas sem deficiências físicas. Uma empresa italiana inventou um medidor de batimentos cardíacos que pode ser usado por nadadores dentro da água. A Universidade de Manchester, na Grã-Bretanha, criou um sistema de medição da força das braçadas dos nadadores. Com ele é possível, por exemplo, determinar para que lado, ao nadar, deve respirar um atleta que perdeu parte de um dos braços. O mesmo equipamento será útil no treinamento de nadadores não-amputados.

Foto: Andy Murray/PA



Paraolimpiadas
Pequim | 2008

apoio:



Bradesco vivo



ANEXO B – CAMPEÃO PUNIDO

MUNDO PARAOLIMPIADAS

Campeão punido

Uma reavaliação médica transforma Clodoaldo Silva de "Phelps paraolímpico" em apenas mais um

Leia mais
reportagens sobre os
Jogos Paraolímpicos em
www.epoca.com.br



Renata Leal

Eles têm deficiências motoras, visuais ou membros amputados. Fazem do esporte uma fonte de motivação para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia. São exemplos de superação. A partir de sábado e até o dia 17, Pequim receberá os Jogos Paraolímpicos. Assim como nas recém-encerradas Olimpíadas, os números são recordes: 4 mil atletas de 147 países competirão nas mesmas instalações em que brilharam Michael Phelps e Usain Bolt. A delegação brasileira também é recorde. Nas 17 modalidades, serão 188 atletas (133 homens e 55 mulheres) – quase o dobro dos 99 que foram a Atenas há quatro anos. Na ocasião, o Brasil conquistou 14 medalhas de ouro, 12 de prata e sete de bronze.

A esperança brasileira de superar o recorde de medalhas de ouro foi prejudicada por uma questão técnica. O principal atleta paraolímpico nacional, o nadador Clodoaldo Silva, perdeu a chance de ganhar oito medalhas de ouro (mesmo número de Michael Phelps no mês passado). Um país não divulgado pediu uma "reclassificação esportivo-funcional" de Clodoaldo. O motivo é curioso: seus resultados eram bons demais.

Em Atenas, em 2004, Clodoaldo ganhou seis medalhas de ouro e uma de prata na categoria S4. Na natação paraolímpica, os atletas são divididos em categorias que vão de S1 a S10, sendo que S1 indica a deficiência máxima e S10 a mínima. A classificação é feita por uma junta especializada, formada por



ESPERANÇA Clodoaldo nadaria oito provas em Pequim. Agora disputará apenas três

médicos, fisioterapeutas e professores de Educação Física. Clodoaldo sempre foi S4, mas na reclassificação a que foi submetido passou a S5. Isso fará com que enfrente atletas com menor grau de deficiência, reduzindo suas chances.

Reclassificações são comuns quando as deficiências são "instáveis" – ou seja, podem progredir ou regredir. O problema de Clodoaldo não é considerado instável. O brasileiro tem paralisia cerebral, causada pela falta de oxigenação durante o parto. A deficiência afeta seus membros inferiores e dificulta sua coordenação motora. Em tese, ele não precisaria passar por reavaliações constantes.

Clodoaldo pensou em desistir dos Jogos. "Não posso pagar porque chego na

frente dos meus adversários", afirmou. Mas aceitou se submeter à reclassificação. Em vez das oito provas que disputaria como S4, decidiu se concentrar em apenas três na S5. Seu caso exemplifica a subjetividade que dificulta uma análise justa do mérito desportivo dos Jogos Paraolímpicos. Em Atenas, a britânica Jenny Ridley, esperança de medalha, desistiu da competição depois de ser reclassificada de T52 para T53, um tipo de divisão para corredores cadeirantes no atletismo. Já houve casos de fraude. Em Sydney, em 2000, a equipe espanhola de basquete masculino foi desclassificada depois que se descobriu que alguns dos atletas não tinham qualquer deficiência mental.

Foto: Oscar Llanusa/Ag. O Globo



EDITORA
GLOBO
Olimpíadas
Pequim 2008

apoio:



Bradesco vivo



ANEXO C – POTÊNCIA INESPERADA

SOCIEDADE PARAOLIMPIADAS

Potência inesperada

Uma aplicação eficiente de recursos explica os bons resultados do Brasil nos Jogos de Pequim

Leia mais
notícias sobre os Jogos
Paraolímpicos em
www.epoca.com.br



Até a sexta-feira 12, o Brasil era o nono colocado no quadro de medalhas dos Jogos Paraolímpicos de Pequim, com dez medalhas de ouro, oito de prata e dez de bronze. Boa parte desse resultado se deve ao desempenho de um atleta – o nadador Daniel Dias, que até o fechamento desta edição havia conquistado quatro de ouro, duas de prata e uma de bronze. Mas, mesmo que se descontasse a contribuição de Dias, o Brasil mostrou em Pequim que está mais próximo do status de potência nas Paraolimpiadas que nas Olimpíadas. O principal motivo desse bom desempenho é dinheiro. O Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) tem sabido tirar proveito dos recursos que recebe, sobretudo os oriundos da loteria.

Quando o Comitê Paraolímpico Internacional foi fundado, em 1989, havia no Brasil federações separadas para atletas amputados, cegos, surdos e deficientes mentais. Só em 1995 essas associações se juntaram para formar o Comitê Paraolímpico Brasileiro. No começo, a mesma falta de recursos de que sofria o Comitê Olímpico Brasileiro afetava seu similar paraolímpico. A partir de 2001, o CPB passou a receber recursos das loterias da Caixa. Os cerca de R\$ 15 milhões anuais (o COB ganha aproximadamente R\$ 80 milhões) ajudaram a formar neste ano a maior (188 atletas) e mais forte equipe brasileira da história paraolímpica. Além do dinheiro da loteria, o CPB conseguiu um patrocínio pela recém-aprovada lei de incentivo fiscal ao esporte. A Cosipa,



ESTRELA O nadador Daniel Dias conquistou sete medalhas - quatro de ouro - em Pequim

siderúrgica do grupo Usiminas, contribuiu com R\$ 2 milhões para a organização da delegação brasileira em Pequim. A mudança da sede do CPB de Niterói, Rio de Janeiro, para Brasília reforçou o lobby dos atletas paraolímpicos junto ao governo. O Comitê Olímpico Brasileiro nem cogita sair do Rio de Janeiro, onde mora seu presidente, o ex-jogador e dirigente de vôlei Carlos Arthur Nuzman.

Um fator que favorece o Brasil nas Paraolimpiadas é a importância menor que outros países atribuem a seus atletas com necessidades especiais. Numa comparação com o quadro de medalhas dos Jogos Olímpicos isso fica claro. Os

Estados Unidos, que um mês atrás só perderam para a China em medalhas de ouro (e até ficaram à frente dela, se somados ouro, prata e bronze), estão apenas em terceiro lugar, atrás do país anfitrião e da Grã-Bretanha. O Japão, oitavo no quadro de medalhas das Olimpíadas, é o 20º na classificação paraolímpica. Outro caso de sucesso, além do Brasil, é a Ucrânia. Décima primeira no quadro olímpico de Pequim, a ex-república soviética era a quarta colocada geral nas Paraolimpiadas até a sexta-feira. Esse êxito levou o governo ucraniano a equiparar a premiação dos medalhistas paraolímpicos àquela concedida aos que subiram ao pódio olímpico um mês atrás.

Foto: Greg Ghezzo/CPB



Paraolimpiadas
Pequim | 2008

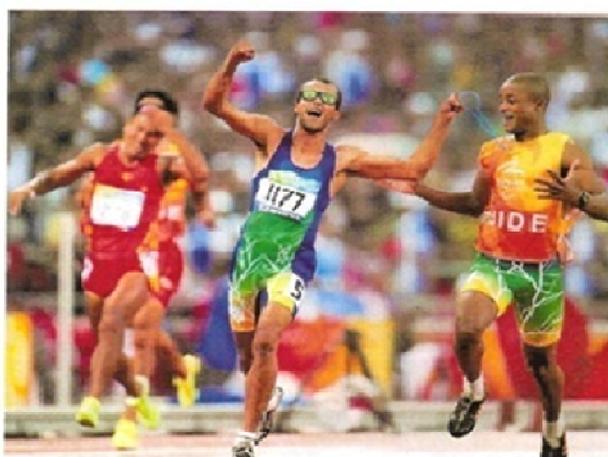
apoio:



Bradesco vivo



D – ATLETAS EXCEPCIONAIS



SUPERAÇÃO
Lucas Prado tornou-se o corredor paraolímpico mais rápido do mundo ao vencer a prova dos 100 m rasos.

atletismo, Lucas Prado tornou-se o corredor paraolímpico mais rápido do mundo ao vencer a prova dos 100 m rasos. Na bocha e no judô também fizemos campeões.

Diante de uma performance tão positiva, a comparação é praticamente inevitável: o que levou os atletas paraolímpicos a conseguir resultados tão superiores à delegação olímpica brasileira?

É impossível dar resposta única a essa pergunta. Para André Carvalho, treinador de nadadores da Associação para Integração Esportiva do Deficiente Físico - instituição paulista onde Daniel Dias faz sua preparação -, a injeção de recursos por parte do governo federal e outras entidades foi um fator decisivo. "Trabalho nisso há cinco anos e posso dizer que

as condições de trabalho têm melhorado bastante nos últimos tempos", afirma. O aporte de dinheiro, no entanto, é insuficiente para explicar o feito. Afinal, o Comitê Olímpico Brasileiro nunca recebeu tanta verba como nos últimos quatro anos (R\$ 251 milhões) e o resultado da última Olimpíada foi pior que o registrado na anterior.

Na opinião de Wadson Ribeiro, ministro do Esporte em exercício, a superação é a principal qualidade dos paraolímpicos. "O sucesso deles se deve à capacidade de concentração, incrível capacidade de transpor obstáculos e preparação adequada", elogia. Realmente, a partir de 2005 muitas modalidades praticadas por atletas com deficiência passaram a ter calendário fixo. "A organização ajudou muito", admite o técnico Carvalho.

Talvez a palavra mágica para o sucesso brasileiro nos Jogos Paraolímpicos tenha sido justamente o que faltou às confederações convencionais: planejamento. Que ao menos os dirigentes aprendam - mesmo tardiamente - a lição que os competidores com deficiência estão dando em Pequim.

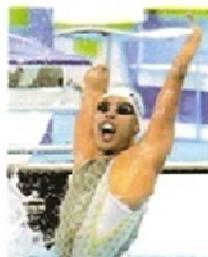
Comportamento

ATLETAS EXCEPCIONAIS

Por que só na Paraolimpíada aconteceu a chuva de medalhas que o Brasil esperava

Francisco Alves Filho

Finalmente, aconteceu a chuva de medalhas que a torcida brasileira esperava assistir nos ginásios e estádios de Pequim. Os heróis não são os atletas famosos como muitos dos que participaram dos Jogos Olímpicos encerrados no dia 24 de agosto. Dessa vez, enquanto o hino do Brasil era tocado na capital chinesa, no lugar mais alto do pódio estavam jovens praticamente anônimos, que superaram graves deficiências físicas para competir nos Jogos Paraolímpicos. Nos quatro primeiros dias de provas, os brasileiros conquistaram oito medalhas de ouro (20 ao todo) e chegaram a ocupar a quinta posição no quadro geral de classificação. O maior destaque foi o nadador brasileiro Daniel Dias, portador de má-formação congênita de braços e pernas, que ganhou ouro em três modalidades, além de uma prata. "Espero servir de incentivo a outros atletas com deficiência", disse o competidor, apelidado de golden boy (menino de ouro) pela imprensa internacional. Seu colega de piscina, André Brasil, conquistou duas vezes a medalha dourada. No



HERÓI DAS PISCINAS

Daniel Dias ganhou ouro em três modalidades, além de uma prata. "Espero servir de incentivo a outros atletas com deficiência", disse o competidor, apelidado de golden boy (menino de ouro) pela imprensa internacional.